

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA**  
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Paulo Freire  
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, LINGUAGENS E CULTURAS:**

*Estudo das práticas socioeducativas do Umbandaum na construção de identidades  
étnico-culturais em Caravelas - BA (1988-2019)*

Itamar dos Anjos Silva

Teixeira de Freitas, Bahia.  
2019

**ITAMAR DOS ANJOS SILVA**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, LINGUAGENS E CULTURAS:**

*Estudo das práticas socioeducativas do Umbandaum na construção de identidades  
étnico-culturais em Caravelas - BA (1988-2019)*

Memorial Descritivo sobre o processo de criação e elaboração do Produto Didático apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Antonio Nunes Neto como parte integrante do requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Teixeira de Freitas, Bahia

2019

**Banda Um**  
(Gilberto Gil)

*BandaUmBandaUmBandaUmBanda – ô-iê  
Iê-iê-iê-iê  
BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-ô  
(Iô-iô-iô-iô)*

*Banda Um que toca um balanço parecendo polka  
UmBandaUmBandaUm  
Banda Um que toca um balanço parecendo rumba  
UmBandaUmBandaUm*

*Banda Um que é África, que é Báltica, que é Céltica  
UmBanda América do Sul  
Banda Um que evoca um bailado de todo planeta  
UmBandaUm, Banda Um*

*BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-iê  
Iê-iê-iê-iê  
BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-ô  
(Iô-iô-iô-iô)*

*Banda pra tocar por aí  
No Zanzibar  
Pro negro zanzibárbaro dançar  
Pra agitar o Baixo Leblon  
O Cariri  
Pra loura blumenáutica dançar  
(Hum...) Banda Um, Banda Um*

*BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-iê  
Iê-iê-iê-iê  
BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô, ô*

*Banda Um que soa um barato pra qualquer pessoa  
UmBanda pessoa afins  
Banda Um que voa, uma asa delta sobre o mundo  
UmBanda sobre patins*

*Banda Um surfística nas ondas da manhã nascente  
UmBanda, banda feliz  
Banda Um que ecoa uma cachoeira desabando  
UmBandaUm, bandas mis*

*BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-iê  
Iê-iê-iê-iê  
BandaUmBandaUmBandaUmBanda - ô-ô  
(Iô-iô-iô-iô)*

## RESUMO

O Grupo Afroindígena de Antropologia Cultural Umbandaum atua a mais de trinta anos em Caravelas e em outras cidades e localidades da região Extremo Sul da Bahia resistindo na luta pela valorização das identidades étnico-culturais. O produto didático da pesquisa, é um documentário, criado no período 2017-2018, no qual registramos diversas narrativas de antigos e atuais participantes do grupo sobre as práticas socioeducativas do Umbandaum e como estas se prestam aos processos de construção de identidades (CUNHA, 1983, 1994, 2017). A partir das narrativas dos depoentes, elaboramos um registro sobre a história e a memória do grupo (POLLAK, 1992), destacando as manifestações culturais, através da utilização da expressão corporal no processo de resistência política e identitária. Os resultados desse estudo apontam que o grupo investigado, ao registrar a memória e força que traz ao longo de 31 anos de existência, ao que tudo indica, demonstra possuir um potencial criativo que repercute no papel educativo e permite refletir sobre aspectos culturais, sociais e políticas na região.

**Palavras-chave:** Caravelas. Umbandaum. Identidade. Práticas socioeducativas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Queima de Arquivo.....	18
Figura 2: Gravação do filme A Lenda do Monte Pascoal.....	20
Figura 3: Arrastão Cultural da Semana Zumbi Cumuruxatiba.....	21
Figura 4: Oficinas de Artes plásticas no galpão do Arte Manha.....	22
Figura 5: Oficinas de música.....	23
Figura 6: Oficinas de Dança Afro-indígena no Dandara Zumbi.....	23
Figura 7: Espetáculo Atlântico Negro – Umbandaum.....	24
Figura 8: Oficina Imagens... Palavras e Movimento – Caravelas.....	25
Figura 9: Oficina de dança afro-indígena no Dandara Zumbi .....	26
Figura 10: Oficina de danças e ritmos .....	26
Figura 11: Espetáculo Atlântico Negro .....	27
Figura 12: Oficina Imagens... Palavras e Movimentos .....	29

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	5
<b>1. Os trinta anos do UMBANDAUM</b> .....	09
1.1 Situando a temática.....	09
1.2 Contextualização das questões da pesquisa .....	11
1.3 Justificativas e objetivos.....	13
<b>2. Práticas de ensino e relações étnico-raciais no UMBANDAUM</b> .....	13
2.1 Procedimentos metodológicos.....	14
2.1.1 Levantamento histórico sobre as ações educativas do UMBANDAUM .....	15
2.2 Depoimentos .....	30
2.2.3 A construção do documentário .....	32
2.3.1 Descrição dos processos de construção do documentário.....	33
<b>Referências</b> .....	35
<b>Apêndice A</b> .....	35
<b>Apêndice B</b> .....	36

## Introdução

A proposição da escrita dos caminhos percorridos pelo grupo Afroindígena Antropologia Cultural Umbandaum que atua há mais de trinta anos em Caravelas e em outras cidades do Extremo Sul da Bahia resistindo na luta pela valorização das identidades étnico-culturais, tem sido construída numa perspectiva memorialista, objetiva a construção de um material didático (documentário) no qual registramos diversas narrativas de antigos e atuais participantes do grupo sobre as práticas socioeducativas do Umbandaum e como estas se prestam aos processos de construção de identidades.

O Umbandaum foi fundado no dia 13 de maio de 1988 como resistência aos grupos políticos locais que induziam a população caravelense em comemorações dos 100 anos de abolição da escravatura. Na contramão da folclorização, o grupo Umbandaum com batuques, atividades de capoeira angola, poesias e teatro-de-rua, revelou à população local o engodo da abolição da escravatura, um repúdio às constantes manipulações e violações das tradições culturais da cidade e de seu entorno por grupos de interesses políticos partidários nos anos 1980.

O Umbandaum, constituído de jovens da periferia de Caravelas, transformou o pensar e a maneira de fazer a cultura na cidade, praticando e escrevendo uma história sobre a cultura e as identidades, através da utilização da expressão corporal no processo de resistência política e identitária. O nome do grupo foi inspirado na poética de Gilberto Gil, especificamente da música “Banda Um”, com o objetivo de trabalhar a questão do negro como uma presença forte, que simbolicamente representasse a luta, a resistência e a identidade.

Daí surgiu de a gente criar um grupo de dança e trabalhar mais essa questão negra e veio o Umbandaum. O nome do grupo veio assim em homenagem a Gilberto Gil, que é coisa de Itamar. Itamar que trouxe esse nome, era um nome provisório e foi ficando. Ficou na memória, enraizando essa marca de ser negro. Acho que isso também é uma marca em Caravelas, não se falava em negro em Caravelas, negro era uma coisa descartada! (Jaco Galdino, Entrevistado em 05 de Fevereiro de 2019).

As propostas socioeducativas, conforme depoimentos coletados, podem ser pensadas como uma produção de conhecimento em movimento pois, se baseia nas dinâmicas da cultura local e regional. Desse modo, buscamos neste texto descrever como tem sido construído o documentário por meio das narrativas dos sujeitos participantes das entrevistas. Se na educação formal “há incorporação de valores universais desfiguradores da cultura popular” (BRANDÃO, 2009, p. 126), em oposição a esse divórcio cultural, o Umbandaum propõe

integrar as várias dimensões das diferentes culturas brasileiras como ‘coisas’ vivas que, exatamente por serem assim, existem e são significativas e estão em permanentes diálogos com os saberes locais, como forma de resistência à cultura eleita pelos meios hegemônicos.

Umbandaum é um espaço revolucionário, um espaço livre de aprendizado, de alma, de deixar vir de dentro para fora. Se você soltar sua alma, você solta seu espírito! [...]você consegue fugir desses padrões que nos amarram. A gente vive amarado. Eu acho que a gente quer aprender a se libertar! (Jaco Galdino. Entrevistado, 05 de Fevereiro, 2018).

O Umbandaum é constituído por sujeitos que promovem uma contracultura<sup>1</sup>. Entretanto, diferencia-se dos demais sujeitos de movimentos culturais por defender a produção de uma cultura independente da capitalização, pois se consideram como sujeitos em processos/movimentos que sabem, fazem e ensinam artes, balizadas na tradição e em novos conhecimentos, como os educadores populares de movimentos populares que viabilizaram experiências políticas a partir de expressões culturais nos anos 1960 e, nesse sentido, entende-se que “o ser humano, diferentemente das demais espécies animais, é um ser obrigado a aprender” (BRANDÃO,1985, p. 16).

Os processos/movimentos que sabem, fazem e ensinam artes desenvolvido pelo movimento tem seguido as trilhas do “Teatro do oprimido” de Boal (1991), inserindo-se na ação dramática, na qual a ação social é valorizada e faz da teatralização um instrumento libertário e necessariamente política e a arte como “uma cópia das coisas criadas” (p. 19).

Nesse sentido, almejamos apresentar no documentário as transformações sociais e simbólicas promovidas pelo Umbadaum, aquelas capazes de reorganizar e mobilizar o grupo e a comunidades politicamente, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao movimento cultural.

Brandão (1985) ao pensar a educação como cultura entende esses sujeitos como educadores populares. Barbalho (2007) os apreende como agentes culturais, que reunidos em organizações não governamentais ocupam um espaço relevante nas políticas públicas para a cultura, tanto em âmbito local e regional. Helânia Thomazine Porto (2016) ao analisar a exposição Origem de Itamar dos Anjos, entende-o como um *griô*<sup>2</sup>, um guardião socializador

<sup>1</sup> O termo "contracultura foi atribuído a um conjunto de movimentos de juventudes que marcaram os anos de 1960. De outro lado, este termo também faz referências a questões mais gerais e abstratas, como um certo modo de contestação e de forma de agir. Partindo do conceito de contracultura apresentado por Carlos Alberto Messeder Pereira (1992), entendemos como formas de enfrentamento à ordem socio-política, que em sua maioria se apresentou profundamente radical e ligados às forças mais tradicionais e dominantes da sociedade. Contracultura é entendida no contexto do Umbandaum como as críticas ao sistema vigente, por meio das expressões artísticas, e das formas políticas de organização do grupo.

<sup>2</sup> No texto “A importância de Griôs na socialização de saberes e de fazeres da cultura”, de Porto (2016), expõe-se que a palavra *griô* tem origem na tradição oral africana, utilizada para designar mestres portadores de saberes

do legado histórico afro-brasileiro.

O Umbandaum está vinculado ao Movimento Cultural Arte Manha, este, recebeu o título de ponto de cultura em 2008. Nesse sentido, através do documentário que se constitui como produto didático da pesquisa, visamos apresentar o processo de estruturação do Umbandaum ao longo dos seus trinta anos para a história e a memória do grupo.

O objetivo que nos mobiliza neste estudo é a análise das manifestações culturais praticadas pelo grupo antropologia afroindígena Umbandaum através da utilização da expressão corporal no processo de resistência política e identitária. A pesquisa que originou o documentário iniciou no final de 2017 quando as atividades de campo começaram a ser desenvolvidas. No início de 2018, como metodologia de pesquisa, foi feito um levantamento de referencial teórico, análise de publicações, relatos de fundadores e de colaboradores do grupo Umbandaum, para a elaboração de um roteiro de temas e questões para a coleta de dados para a construção do produto – vídeo-documentário, que se encontra no processo final de produção pelos colaboradores do Movimento Cultural Arte Manha - Instituição na qual o Grupo Umbandaum está integrado.

Na realização das entrevistas com catorze depoentes (nove<sup>3</sup> agentes culturais ligados diretamente ao Umbandaum e cinco colaboradores<sup>4</sup>, estes oriundos de outras instituições) buscamos também delinear a concepção de ensino, de propostas educativas e o método adotado pelo Umbandaum de Caravelas. Método aqui entendido como um modo como se “educa enquanto se constrói e, portanto, método como um processo, com as seqüências e etapas que ele repete a cada vez; como uma história coletiva de criar e fazer, que é a sua melhor idéia”, (BRANDÃO, 2017, p. 6).

Carlos Rodrigues Brandão, no livro *O que é método Paulo Freire* (2017), apresenta a concepção de método de educação popular que defendemos, assim, a partir das experiências de alfabetização de Paulo Freire, Brandão infere que o método pode ser compreendido como

---

e de fazeres da cultura, esses transmitidos oralmente. Segundo a *griô* Adwoa Badoe, entre os povos do oeste da África, os *griôs* são aqueles que há séculos preservam e transmitem as histórias – principalmente as que se referem aos grandes líderes e à formação dos reinos, mas também às pessoas comuns. A autora informa ainda que no Brasil coube ao Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos) a condição de porta-voz autorizado da tradição negra na Bahia. Reconhecido internacionalmente pela estética afro-brasileira, o artista plástico e escritor divulgou em seus contos populares, lendas e mitos africanos, publicados em versão bilíngue, português-yorubá, o sobrenatural em harmonia com o cotidiano. Em seus contos Mestre Didi escrevia como falava, pois, para ele as suas narrativas deviam ser entendidas de forma simples, já que nas narrativas a linguagem se mantém móvel, sempre aberta a uma nova narração individual e oral.

<sup>3</sup> Dentre os formadores do Umbandaum entrevistados temos: Hilma dos Anjos Silva (Dadá), Jaco Galdino, Carla Galdino, Cleison Medeiros, Rui Galdino, Jorge Galdino (Dó Galdino), Simone dos Anjos, Líliam Bertoso, Ludimila Justino, Jorge Galdino.

<sup>4</sup> Helânia Thomazine Porto, Jéssica Silva Pereira, Clóves Neide Fidelis da Paixão (Chicão), Mauro Ciantro Ramos de Carvalho, Vanessa Rozisca.

uma ferramenta imaginada e criada que seja capaz de ajudar “o homem a começar pelo começo; por um jeito mais humano de ensinar-aprender a ler-e-escrever. Uma das práticas sociais que dentre tantas questões busca responder: - por quê? e - para quê? (p. 8).

E, nessa perspectiva, é preciso educar para a autonomia, considerando-se que, a educação deve valorizar “uma formação que possibilite a crítica constante, a insubmissão e a resistência do sistema e sua lógica, como entende Sgrilli (2008, p. 315). A partir desse entendimento, o Umbandaum e sua instituição, o Arte Manha de Caravelas têm buscado a discussão participativa em rodas de conversa e outras metodologias que permitem o diálogo e a reflexão sobre temas de interesse social e do movimento, valorizando a “memória e a história” (LE GOFF, 2003) de seus antepassados. Do mesmo modo, nas trilhas de Le Goff (2003), pode-se afirmar que a memória é capaz de apreender informações do passado e do presente e depois atualizá-las, pois os fenômenos da memória, possibilitam uma melhor compreensão do presente.

Os agentes culturais do Umbandaum consideram que o método socioeducativo que se vem se construindo é por um fazer fazendo, explicitado por Jaco Galdino (2018) como uma metodologia que se organiza a partir de conhecimentos de suas “raízes” identitárias, e nos processos do próprio de construção das expressões artísticas e demais movimentos de fomento de culturas e de formação política.

Nesse sentido, o documentário se configura como um produto didático da pesquisa, encontra-se em fase de integralização, entretanto, neste texto apresentamos parte do legado cultural e artístico produzido pelo Umbandaum, especificamente as ações empreendidas pelos agentes culturais das famílias Galdino e Anjos.

Além das narrativas que constituem o memorial, a produção deste material requereu fundamentações teóricas, como os estudos realizados em Silva (2003), Tavares e Garcia (2008), Mestre Didi (2004), Barbalho (2007), Botelho (2007), Yúdice (2013), Brandão (1985), Morin (2000), Le Goff (2003) e de Pollak (1992). As participações em ações culturais, como na festa de celebração<sup>5</sup> dos 30 Anos do Umbandaum, em 13 de maio de 2018, também permitiram levantamento de temas a serem aprofundados nas entrevistas, sendo assim realizamos vários encontros para o planejamento de diferentes ações comemorativas<sup>6</sup>, e

---

<sup>5</sup> Ocorreu neste período várias manifestações culturais, além de oficinas de diferentes modalidades artísticas e culturais: Como dança, artes plásticas, literatura, mostra de vídeo, etc. Além de debates no Seminário que aconteceu no dia 13, tendo como tema: *Cultura e meio Ambiente a Serviço da Comunidade!*, com a participação de representantes de várias comunidades tradicionais, além de estudantes de Universidade do Estado da Bahia e de outras instituições e a participação de instituições governamentais e não-governamentais.

<sup>6</sup> Em 2018 aconteceu também a remontagem do espetáculo *Cantos e Encantos do Mar*, apresentado na Festa Cultura da Baleia, no dia 02 de novembro de 2018.

tais encontros impulsionaram memórias individuais e coletivas, que foram apreendidas nas gravações individuais.

Nessa perspectiva, as memórias individuais e coletivas<sup>7</sup> foram acolhidas no memorial como um tecido social e histórico, por meio do intercruzamento desses discursos em busca de elementos definidores do que seja o ensino das relações étnico-raciais no Umbandaum.

Este relatório foi estruturado em duas partes. Na primeira parte - Memorial 30 anos do Umbandaum de Caravelas (BA), apresentamos as questões investigativas, os objetivos e as justificativas que fundamentaram a produção do material técnico-pedagógico.

Na segunda parte descrevemos algumas práticas educativas, as metodologias utilizadas, incluindo registros fotográficos e depoimentos que exemplificam as práticas educativas e culturais realizadas pelo Umbandaum. Assim, o grupo é tratado como estudo de caso, definido a partir das metodologias qualitativas de investigação e de intervenção. Assim, a partir das narrativas coletadas junto aos agentes culturais Umbandaum, apresentamos algumas reflexões sobre os pensamentos e as soluções encontrados pelos educadores populares no ensino das questões étnico-culturais através das expressões artísticas.

Nesse sentido, consideramos que os resultados prévios da pesquisa vem apontando que o grupo ao utilizar da expressão corporal como linguagem e símbolo de resistência política e identitária, transformam essa práticas em uma construção discursiva que incorpora sua opinião e formação cultural, além de contribuir para conscientização em alguns aspectos da sociedade plural em que está inserido, promovendo o fortalecimento de identidades étnico-culturais. Dessa forma, ao registrar toda essa memória e força que o grupo traz ao longo desses anos, entende-se que possuem um potencial criativo repercutindo no papel educativo para refletirmos aspectos culturais, sociais e políticas na região.

## **1. Os trinta anos do UMBANDAUM**

Nesta parte apresentamos os elementos constituintes do projeto de pesquisa-intervenção Relações Étnico-raciais, Linguagens e Culturas: análise de práticas educativas e culturais no Umbandaum de Caravelas, BA (1988 a 2018), do qual se originou o produto didático em questão sobre as práticas socioeducativas do Umbandaum e como estas se prestam ao ensino das relações étnico-raciais.

### **1.1 Situando a temática**

---

<sup>7</sup> Pollak (1992) considera que as memórias podem ser flutuantes, transformadas, modificadas, nesse sentido, para os registros audiovisuais dos depoimentos, apontamos temáticas que deveriam ser pontuadas, sem a imposição de um formato de resposta.

A história da educação formal no Brasil tem uma dívida cultural e política com as classes populares, em especial, com os sujeitos de matrizes indígenas e africanas, pois, a educação escolar oferecida pelo Estado foi construída pela imposição de um modelo de escola eurocêntrica, ocasionando o silenciamento e a desvalorização dos sujeitos e de suas culturas, em que culturas indígenas e afro-brasileiras foram subjugadas por uma cultura hegemônica, sem a inclusão dos diferentes processos de ensino e de aprendizagens. O que se estabeleceu no país, na perspectiva de Brandão (1985), foi uma cultura de conquista por grupos opressores externos e internos sobre diferentes categorias de sujeitos dominados e postos a serviço, como indígenas, negros, e brancos subalternos. Nessa perspectiva, a educação enquanto cultura é aqui entendida como um processo de transformação cultural e se referem às práticas educativas que se transformam em práticas culturais e práticas pedagógicas que promovem cultura. No movimento Arte Manha de Caravelas, o Ponto de Cultura funciona como espaço de criação cultural e o Umbandaum, um dos núcleos do movimento possibilita a promoção do diálogo entre educação e cultura, de luta e resistência afroindígena.

É preciso ressaltar que, apesar de movimentos de resistência de grupos africanos na América, suas culturas e saberes foram depreciados pelos grupos hegemônicos. Os ibéricos, partindo da retórica da supremacia racial, buscaram o apagamento da memória de sujeitos de nações africanas que para cá vieram, ao mesmo tempo, em que negavam seus saberes, por uma racionalidade da desumanização do outro que é diferente de si, “tirando desse homens e mulheres sua capacidade de criar, de agenciar e ter consciências políticas diferenciadas; despojando-os da condição de sujeitos sociais e políticos” (CHAUI, 2007, p. 27).

Em sua avaliação acerca da negação às questões étnico-raciais no currículo educativa da escola, Jaco Galdino considera que,

*A escola tá toda errada! Confesso que eu não tenho uma fórmula qual seria o melhor modelo pra escola, mas o que está aí, tá errado. Já começa pelo formato, um formato de presídio, parece que tá dentro de um presídio... Muro alto, grade, salas fechadas, um corredor pra tomar sol, então... Eu acho que a experiência do Umbandaum, como de outros grupos, ele seria algo assim revolucionário dentro das escolas. Como processo de escola sair daquela caixa, trazer os alunos para a rua, trazer os alunos para outras experiências, acho que seria muito proveitoso e daria assim um, uma levatada nos alunos se esses alunos pudessem sair da sala de aula e vivenciassem essas outras experiências, fora da sala de aula. De dançar, de entender esse processo e aí acho que entra o Umbandaum, entra as nagôs, a filarmônica, as capoeiras. Se esses alunos pudessem sair de dentro da sala de aula, vivenciassem essas experiências e levassem para dentro da sala de aula esse sentimento, essa forma de relação, para além dos muros das escolas, seria muito bom. Eu acho que a escola precisava sair da formalidade, a gente é muito direcionado para pensar igual, pra viver dentro de uma caixa. A gente é direcionado para ser construído cidadão marrado, bitolado, servil ao sistema. (Jaco Galdino. Entrevistado em 05 de Fevereiro de 2019).*

Na busca pela ruptura com esse modelo de ensino, o Umbandaum vem se constituindo, ao longo dos seus 30 anos de experiências um modo particular de realização de uma educação como cultura, em que percebemos reflexões teóricas que se articulam com práticas culturais construídas por sujeitos diversos, como atores sociais de movimentos populares (BRANDÃO, 1985), conforme nos lembra Rui Galdino (2018) acerca de seus conhecimentos das histórias e culturas negras.

*Posso dizer que praticamente foi dentro do Umbandaum, porque no ensino fundamental e no ensino médio, praticamente não ensinam a nossa história e a nossa cultura. E eu tenho meus pais, meus tios e tantos outros que já participaram do Umbandaum, foram trazendo esse tipo de informação para o fortalecimento do grupo, que até então, negro. Ter informações da sua cultura na escola é bastante difícil. Porque na escola prega-se aquele estilo de cultura europeia, e aquele tipo de informação é aplicado, não se busca levar a cultura do negro e do índio, para a formação das identidades. (Rui Galdino. Entrevistado em 12 de Janeiro de 2019)*

Gradativamente, a questão étnico-racial abordada pelo Umbandaum foi sendo ampliada, pois se percebia nas performances e nas expressividades teatrais, musicais, poéticas e plásticas também a identidade de matriz indígena. Assim, o grupo trouxe para si a responsabilidade da afirmação de identidades negra e indígena, buscando os valores étnico-raciais na história, sociedade, na política, utilizando-se de linguagens, como da dança, literatura, teatro, música e artes plásticas.

*Aí que veio o teatro, a dança, a capoeira, o entalhe, pois essa pulsação de ser negro era uma necessidade! A partir da arte e dessa identidade a gente começou a se perceber negro e essa percepção, o sentimento de ser índio, de se fazer índio, do jeito de ser índio e do jeito de ser negro! (Jaco Galdino. Entrevistado 05 de janeiro de 2019).*

Assim, a identidade negra e indígena são trabalhadas no/pelo movimentos pautadas em valores étnicos, aqui, nesta pesquisa, entendidos conforme a concepção e critério estabelecido de etnicidade por Cunha (1983, p. 98-99), quando define grupos étnicos enquanto “formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros, constituindo uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem”. Com base na concepção de etnicidade de Cunha (2017, p. 240), Ferreira (2018), quando trata da relação afroindígena, etnicidade e (contra) mestiçagem, lembra que esta é uma questão que precisa ser debatida e, para isso, “é preciso propor a abertuta para o diálogo” (p. 403). A etnicidade de acordo com Cunha (1994, p. 130), “é portanto uma linguagem que usa signos culturais para falar de segmentos sociais”.

A partir dessa compreensão e buscando também apoio de Santos (2004), sobre os “Contos crioulos”, a cultura negra que envolve descendentes de origem nagô são valorizadas pelas linguagens do movimento e entendidas como histórias transmitidas de geração em geração e, portanto, os contos afro-brasileiros não podem ser perdidos ou ignorados, mas contados e, assim, no movimento, as metologias aplicadas são variadas como a roda de conversa, o teatro, a música, a percussão, dentre outras que permitem o diálogo, a conversa, a socialização e divulgação de saberes históricos populares, da cultura negra e indígena.

Nesse sentido, entendemos a educação que acontece no Umbandaum como de uma mescla de aspectos do ensino não-formal e do formal. Por ser vivencial e espontânea e ao mesmo tempo intencional, com temas estudados e ações previamente planejadas. Ainda que os temas levantados sejam coletivamente, há aquelas proposições que partem de questões étnicas, sociais, políticas e culturais. A classificação das práticas educativas exclusivamente como não formais não conseguem abarcar as dimensões do ensino promovido pelo Umbandaum. Sendo assim, buscou-se neste memorial entre outras questões identificar as práticas educativas construídas pelo coletivo do Umbandaum. Portanto, podemos pensá-lo como formas complexas de abordagem de questões étnicas, culturais e políticas, em que os sujeitos que dele participam, reflitam, interpretem criticamente a sua realidade e intervenham socio-político-cultural em seus contextos.

## 1.2 Contextualização das questões da pesquisa

A proposta básica do Umbandaum sempre foi pela análise crítica da sociedade elitizada, buscando nas ações e no fomento de expressões plásticas dar conta das questões raciais, dos processos excludentes, da negação do capital econômico a grande parte da população afrodescendente e indígenas de Caravelas e do extremo sul da Bahia. As colaboradoras Jéssica Silva (2018) e Vanessa Rozisca (2018), assim explicitam sobre o posicionamento político do Umbandaum:

*A vertente política do Umbandaum do que eu conheço até o momento é pautada na questão racial, tanto da questão indígena como da questão do povo negro, e isso está muito ligada à questão da acessibilidade. Eu vejo isso presente, muito presente no cotidiano quanto em suas atuações artísticas.* (Jéssica Silva. Entrevistada em 22 de dezembro de 2018)

*O Umbandaum propõe não é só aquela questão estética, plástica, muitas vezes interpretada como folclórica. As pessoas não entendem que quando o Umbandaum está na rua com uma questão plástica, está como um grupo de enfretamento, por ser um grupo político e social.* (Vanessa Rozisca. Entrevistada em 21 de Dezembro de 2018),

Outro ponto de partida para que esse movimento cultural se estruturasse como grupo de resistência foi a inclusão de líderes de terreiros de candomblé e da umbanda existentes em Caravelas desde a década de 1980. A musicalidade baiana de temáticas negras, trazidas por grupos culturais como Olodum, Ilê Ayê, Muzenza<sup>8</sup>, foi incorporada às práticas culturais e educativas do Umbandaum.

Nesse sentido, a descrição e a análise das práticas de ensino utilizadas pelo grupo Umbandaum na promoção do reconhecimento das identidades étnico-raciais (negra e indígena), se dão a partir de ações artísticas, culturais e políticas, temas e questões apreendidas dos depoimentos constituintes do documentário. Desse modo, em busca de um pertencimento étnico-racial o Umbandaum se manifesta em meio as transformações sociais, políticas e culturais ao longo desses 30 anos, pensando na tradição como sentido de pertencimento, reinventando uma nova dinâmica de atuação e manifesto. Para Beck, Giddens e Lash (1997, p. 80) “a tradição diz respeito ao futuro, pois as práticas estabelecidas são utilizadas são maneiras de se organizar o tempo futuro.”.

Para Brandão (1985) a educação ao ser transversalizada pelas culturas pode fomentar um trabalho político de recriação com o povo, em busca de uma conscientização de quem são e do que são capazes. O processo educativo do Umbandaum tem sido direcionado para a formação política dos sujeitos, para que estes conscientes de seus valores expressem seus pensamentos e valores; como participantes em seus contextos possam gestar seus projetos de vida e da coletividade, pois, só se humanizando ao se reconhecendo no outro em um mundo propriamente humano a cultura é possível de ser criada. (BRANDÃO, 1985). Nesse sentido, é importante valorizar a transformação por meio da cultura e da educação e o teatro é um dos instrumentos que o Umbandaum utiliza para trabalhar com a humanização e educação transversalizada e, para Barba (1991, p. 99), “o que importa é o motor. Às vezes, tem-se boa vontade, mas se carece de força motriz” e a cultura é um motor pessoal e ao buscar o sentido do teatro, define-o como “o lugar onde as convenções e os obstáculos sociais devem desaparecer” (2016, p. 22) e dar lugar a comunicação, tornar-se um lugar que representa a coletividade. Para o autor,

Esse motor pessoal que se tem de buscar por trás das ações e das escolhas das pessoas de teatro. Esse motor pessoal é a “temperatura.” Não adianta ter boa vontade, mas carecer de fora motriz. Esse motor está em nosso interior. Não é uma idéia ou uma pessoa, mas compromete cada um na sua totalidade, até as raízes mais profundas de si mesmo. (BARBA, 2016, p. 22).

---

<sup>8</sup> Conforme Boletim *Arte Manha*, 2008, com o título Umbandaum: grupo afro-indígena de antropologia cultural. Caravelas – Extremo Sul da Bahia - Brasil.

A partir desse entendimento, na construção do documentário em questão, buscamos entender como a educação é pensada e construída como cultura em diferentes espacialidades e linguagens suscitadas pelo Umbandaum, a partir da indagação: de que conhecimentos/saberes os educadores populares partem para pensar e desenvolver as propostas educativas de ensino de questões étnico-raciais no Umbandaum, com vistas à afirmação étnico-racial e a formação de uma consciência política?

Para responder a esta questão, é preciso compreender que nesse processo de atuação corporal ou visual em suas interpretações performáticas, o Umbandaum busca nesse contexto de criação vários recortes em uma nova roupagem de manifestações populares, principalmente da comunidade de Caravelas e região. Esse sentido de afirmação e resistência étnico-cultural relacionando ao momento vivido e a emoção que reflete no corpo, promove uma ruptura política na qual se explicita a cada experiência que vive cada personagem como se reencontrasse uma nova relação com a história e o novo engajar coletivo, para uma nova consciência. A dança, por exemplo, realizada pelo Umbandaum, desdobra-se no ritual indígena e africano, vivendo a tradição, a cultura e rituais de seus antepassados.

Müller (2005, p. 79) explica que, no processo que Graziela Rodrigues (1997) propõe desenvolver a criação e a interpretação em dança, encontra-se igualmente a “transformação/transportação” e a conjunção entre preparação técnica, laboratório e ensaio referidos por Schechner (1985) ao cotejar os dois gêneros de “performance cultural”, o ritual e a arte da performance, através da convergência entre o vivido pelo artista performático e pelo iniciando no ritual.

Desde maio de 1988, que o grupo vem contestando as formas de dominação da cultura, buscando em suas diversas ações a conquista de uma cidadania cultural, divulgando e incentivando a produção de bens culturais como forma de inclusão social (BOTELHO, 2007). Partindo dessa assertiva, questionamos: essas práticas configuram-se como propostas de ensino que podem ser apreendidas como uma teoria e um método a serem aplicados em outros espaços educativos?

Nas trilhas de Butler (2018), pode-se entender que, buscando várias narrativas, através do corpo como montagens de vários recortes de memórias e expressões, sendo que muitas vezes não tendo uso da fala, o Umbandaum representa o corpo como um papel político, dando a importância dessa imensidão física e dimensional que o corpo oferece como instrumento de manipulação ativa para variadas formas de performatividade, além da fala.

Na sua discussão sobre “‘Nós, o povo’ – considerações sobre a liberdade de assembleia”, Butler (2018, p. 105), tomando emprestado uma frase do Preâmbulo da

Constituição americana (EUA), trata de formas não violentas de resistência, protesto público que leva as pessoas às ruas, para explicar o que queremos dizer quando invocamos “nós”, utilizando o próprio corpo em nome de outro, de interdependência e solidariedade, como também, pelo fato de considerar as pessoas que estão fora do quadro, que não são representandos, mas mantidos escondidos, ocultos de vista e que não podem usar seus corpos para aparecer e montar estratégias e/ou participar de uma espécie de performatividade, e , tomando emprestado as trilhas do entendimento de política em Arendt (1997, 2008, 2010), valorizando as ideias centrais da autora, principalmente as concepções arendtianas acerca do caráter performativo do agir e da ágora como espaço coletivo, Butler (2018) procura mostrar as dificuldades para o corpo tomar as ruas e considerar as “formas de aliança e solidariedade que dependem apenas parcialmente da capacidade de aparecer na praça pública”(p. 105).

A partir dessa compreensão, as práticas educativas presentes no Umbandaum se organizam em diversas modalidades, dos estudos de questões étnico-raciais às atividades práticas, como em oficinas de teatro, de dança, pinturas, músicas e de produção de textos, e de documentários e curtas-metragens, com o apoio do Cine-Clube, assim, pela capacidade de agir intencionalmente o movimento vem buscando mudar o contexto em que está inserido (CORTELLA, 2000). Nesse sentido nos interessa saber: dentre as práticas educativas presentes no Umbandaum, quais são consideradas transformadoras, de mobilizações políticas e de resistências?

As criações e as experimentações pela adoção de diferentes linguagens visam o empoderamento étnico-cultural dos diversos sujeitos assistidos pelo grupo Umbandaum, nesse sentido, surgiu a seguinte questão: as atividades educativas colaboram para fortalecimento das identidades étnico-raciais dos participantes?

Para responder a esta provocação, podemos observar o que diz Jaco Galdino sobre as suas ações no âmbito do movimento, considerando as formas de atuação do ator e sua percepção sobre as atividades artístico-culturais realizadas com diferentes colaboradores e participantes que atuam no movimento. Na entrevista, Jaco comenta que

a prática do “**fazer fazendo**”, a qual se identifica metodologicamente nas ações usadas no Umbandaum, como desenvolvimento de um processo educativo, ao longo dos anos, permite estabelecer dentro do grupo, movimentos que permanecem até os dias de hoje na longa caminhada histórica e de relações interpessoais que estão vistas em variadas formas e formatos renovador, para que esse diálogo intercultural se mantêm em seu objetivo, que é a inclusão e valorização histórica da contribuição do negro e indígena na comunidade de Caravelas e região (Entrevistado em 05 de janeiro de 2019).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que, este método de saber “fazer fazendo”, como é reconhecido pelo entrevistado, se constrói com táticas e estratégias de atuações culturais que subvertem a cultura dominante, pois há um projeto político de afirmação identitária que sustenta essas ações, isto é ruptura como modelo que padroniza o gosto cultural, que é a contra cultura do lugar onde se vive. A prática educativa, democrática e educativa e o respeito ao ser humano, são a base de toda e qualquer atividade (FREINET, 1996a). No processo pedagógico, “o educador não é um forjador de cadeias, mas um semeador de alimentos e de clareza” (FREINET, 1973). Para o autor (1996b) a função educativa tem a obrigação de respeitar o conhecimento da realidade do aluno, o seu cotidiano, pois, “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (p. 296).

Portanto, podemos considerar, conforme a percepção do movimento, que as atividades educativas colaboram para fortalecimento das identidades étnico-raciais dos participantes quando contribuem com a sua participação com envolvimento no processo de teoria e prática, denominado pelo grupo de conhecer para “fazer-fazendo”.

### **1.3 Justificativas e Objetivos**

A estruturação do documentário se pautou nos objetivos: refletir sobre os pensamentos e as soluções encontrados Umbandaum quanto à abordagem das questões étnico-culturais em suas práticas educativas; verificar as contribuições de suas ações na formação política dos participantes; apreender os caminhos traçados pelo Umbandaum, avaliando os impactos de suas ações na afirmação étnico-racial em Caravelas (BA); sistematizar as práticas educativas e culturais do Umbandaum, a partir do registro de depoimentos e das memórias de seus agentes culturais, identificando quais as promotoras de cidadania.

Nessa direção, Santos (2015, p. 34) trata do processo de criação da ancestralidade e percebe que o corpo, em cena, revela a dimensão expressiva, a dimensão orgânica e, a partir dessa compreensão, o corpo “é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória” (MARTINS, 2002, p. 89).

Consideramos, a partir desse entendimento, que o processo de construção do documentário poderá viabilizar uma retomada reflexiva dos caminhos percorridos pelo grupo Umbandaum, fomentando redimensionamento de suas ações, a partir dos conceitos e das metodologias apresentados pelos entrevistados. Para Highwater (1978, p. 14 apud SANTOS, 2009, p. 35),

Existem dois tipos de rituais. O primeiro estudado pelos etnologistas, que é familiar, é um ato inconsciente sem deliberação estética, resultado da influência étnica de muitas gerações que culmina num grupo com seu sistema fundamental. E o segundo tipo, ou seja, um novo tipo de ritual, que é a criação do indivíduo excepcional que transforma sua experiência através de um idioma metafórico conhecido como arte.

Considerando as atividades realizadas pelo movimento de Caravelas, podemos dizer que os rituais são resultados de influências étnicas de muitas gerações e, também, resultado da criação individual do ator Umbandaum que transforma sua experiência de vida, de vivências com seu pai, criador da escola de samba da cidade e de outras vivenciadas nos espaços de cultura africana e indígena, frutos de seus antepassados e que, hoje, busca socializar e divulgar no espaço público caravelense e região, assim como, de outras partes do território brasileiro.

Logo, podemos entender que o produto didático poderá contribuir para o ensino das relações afro-indígenas-brasileiras, quando há proposição de uma educação em que a cultura popular fomente a cidadania. Justificamos, assim, o nosso empenho na produção desse material didático por ser construído como produto didático no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais do Instituto de Humanidades Paulo Freire da Universidade Federal do Sul da Bahia sobre as práticas socioeducativas realizadas pelo Umbandaum, fundamentalmente, em Caravelas.

## **2. Práticas de ensino e relações étnico-raciais no UMBANDAUM**

A descrição das metodologias utilizadas, incluindo os registros fotográficos e os depoimentos que descrevem as práticas socioeducativas e culturais do Umbandaum, são as temáticas deste tópico.

Nessa perspectiva, as descrições das práticas socioeducativas e culturais foram apreendidas como ações educacionais, sociais, culturais e políticas construídas a partir de três dimensões metodológicas: (1) levantamento histórico de ações do Umbandaum em arquivos do Arte Manha para exemplificar a trajetória do grupo; (2) transcrição dos depoimentos gravados e; (3) descrição do processo de construção do documentário dos 30 anos de Umbandaum.

### **2.1 Procedimentos Metodológicos**

O levantamento histórico de ações do Umbandaum em arquivos do Arte Manha, as

transcrições dos depoimentos gravados e a descrição do processo de construção do documentário dos 30 anos de Umbandaum possibilitaram obtenção de informações que descrevem o Umbandaum, a partir de uma interpretação qualitativa, conforme propõe a pesquisa-ação (THIOLLENT,1987; BARBIER, 1985), quanto ao tratamento dos conhecimentos, dos modos de planejar e de realizar as práticas educacionais e culturais pelo Umbandaum, incluindo nesse processo uma dialética com as narrativas dos 14 entrevistados, fundamentando este trabalho.

Os três movimentos de pesquisa-intervenção (ROCHA e AGUIAR, 2003) foram realizados junto ao coletivo, desde a socialização do projeto de pesquisa na instituição Movimento Cultural Arte Manha, na qual o grupo Umbandaum está vinculado, à catalogação de ações educativas realizadas pelo grupo, à seleção de matérias e reportagens publicadas no Boletins do Arte Manha, às filmagens e aos registros dos depoimentos.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro estruturado em quatro itens: no primeiro, buscamos apreender a identificação sociocultural dos entrevistados, incluindo o nível escolaridade e/ou instrução, comunidade de origem, tempo de residência em Caravelas ou em algum de seus distritos, e ocupação e/ou função que exerce no Umbandaum e fora dele.

No segundo item incluímos questões que situam as vivências de cada um no Umbandaum, como o seu tempo de participação no Umbandaum, a forma como se inseriu no grupo, as primeiras atividades que participou e as dificuldades encontradas nessas inclusões. Enfim, os sentidos e avaliações atribuídos ao Umbandaum, às suas práticas educativas e aos seus métodos.

O terceiro item abarcou questões de reflexões acerca das atividades realizadas pelo Umbandaum quanto reflexões de questões étnico-raciais, assim, indagamos como cada um se percebia como sujeito social, cultural e político a partir das atividades as quais participou. E em seguida, verificamos se as atividades realizadas pelo Umbandaum promoviam o reconhecimento de suas identidades étnico-raciais, abrangendo como cada um se auto denominava etnicamente. Buscamos ainda nessa temática alcançar como o Umbandaum possibilitava aos participantes uma formação crítica, especificamente sobre as culturas, as artes e as histórias e os sujeitos.

O quarto item abarcou questões inerentes as projeções que cada um faz do Umbandaum, isto é, como cada entrevistado se via na continuidade das ações do Umbandaum, no futuro. Indagamos também se as ações educativas possibilitavam uma formação profissional, consequentemente autonomia financeira àqueles que se dedicavam as atividades do Umbandaum.

Acreditamos que as práticas educativas realizadas pelo grupo Umbandaum poderão permitir problematizações acerca das teorias e métodos que as fundamentam, contribuindo, assim, para a organização de uma proposição de ensino aprofundada na diversidade étnico-racial e na cultura popular. Assim, a eleição dos referidos procedimentos metodológicos buscaram refletir sobre a formação de uma consciência política e cidadã, a partir das ações educativas, conseqüentemente das artes, linguagens e movimentos presentes nos fazeres do Umbandaum, considerando, assim, o processo de construção do documentário dos 30 anos de Umbandaum como um conjunto de metodologias que caracterizam esta pesquisa-ação.

### **2.1.1 Levantamento Histórico de Ações Educativas do Umbandaum**

O grupo de antropologia cultural afro-indígena Umbandaum continua sendo liderado pelas mesmas pessoas que, em finais dos anos 1980, autodefiniram-se, afro-indígenas. Descendentes de negros e indígenas que habitavam e ainda habitam a região do norte capixaba e do sul baiano, convertidos em trabalhadores rurais, que durante as décadas de 70 e 80 deixaram suas terras e seguiram para as cidades pequenas e médias da região devido à expansão de grandes madeireiras e da pecuária.

O grupo afro - indígena de antropologia Cultural – UMBANDAUM (Caravelas-BA), foi fundado no dia 13 de maio de 1988. Neste período, ano de eleições municipais, grupos políticos de Caravelas manipularam e induziram os grupos locais tradicionais de manifestações Afros a comemorar os 100 anos de abolição da escravatura, com faixas e batuques na forma de bloco carnavalesco. Por outro lado, se encontrava o Movimento Cultural Arte Manha com atividades de capoeira angola, poesias e teatro de rua, com trabalhos socioculturais efetivos pelas ruas e praças da cidade. (Boletim do Arte Manha, 2008, p.1)

Desde então, as atividades do grupo Umbandaum vêm oferecendo uma efetiva alternativa de educação cultural, articulado ao Arte Manha possibilitado, em alguns momentos, criação de uma economia solidária, responsável pela geração de renda de cerca de vinte famílias que passaram a vislumbrar a possibilidade de desenvolver, com seus próprios meios, apesar da ausência de qualquer tipo de apoio do governo local, estadual ou federal. As atividades grafo-plásticas e musicais são garantidas pela autonomia de um número significativo de sujeitos das famílias Galdino e Anjos.

E, apesar de Dó Galdino quando teve Secretário Municipal de Cultura - 2009 a 2011, Itamar dos Anjos também Secretário Municipal de Cultura – 2011 a 2013, hoje Jaco Galdino ocupando esse cargo, o que há e o que houve nesse período foi uma prestação de serviço em um órgão Municipal, mas isso não trouxe segurança e nem o apoio maior voltado para as

atividades do grupo, e assim continua as dificuldades e atenções voltadas para o empenho dessas atividades e para manter a Instituição Movimento Cultural Arte Manha, na qual hoje é Ponto de Cultura, também não supre as necessidades da instituição e nem do Grupo Umbandaum.

O grupo vem, dessa forma, buscando estratégias para resolver os problemas enfrentados, considerando as possibilidades de encontros, articulações com outros movimentos sociais e grupos culturais, ONGs e parceiros de modo geral para garantir sua autonomia e existência. Sobre isso, podemos verificar no Boletim do Arte Manha, sua instituição legal que,

O Umbandaum vem promovendo, desde 1988, um trabalho de consciência, resgate e fortalecimento da cultura afro e indígena em Caravelas e na região do Extremo Sul da Bahia. Dentro de suas ações, vem desenvolvendo em caráter voluntário, oficinas e cursos com atividades de dança afro-indígena, figurinos, cenários, alegorias, músicas e construção de textos poéticos e temáticos. A realização destas atividades se dá a partir do trabalho de direção artística do Movimento Cultural Arte Manha, à qual o grupo está filiado há 20 anos e comprometido com a multiplicação de seus conhecimentos e saberes tradicionais e contemporâneos. (Boletim do Arte Manha, 2008, p.1).

Desse modo, o Arte Manha em apoio ao Umbandaum, e vice-versa, organicamente se constituem como um movimento político, um “corpo político” e identitário, revolucionário e de resistência. A resistência desses grupos está no enfrentamento ao racismo, desde as primeiras expressões artísticas e ocupações teatrais nas avenidas de Caravelas, o que viabilizou a construção de uma pedagogia particular que perdura há 30 anos. São diversas formas de manifestação, desde ações mais individuais, no âmbito profissional, às coletivas, como no princípio, pelo teatro experimental de rua, espetáculos e ações do bloco carnavalesco, incluindo a banda Umbandaum, conforme recortes de depoimentos:

*Esse movimento político é uma coisa forte na gente e a gente tinha essa luta política e junto com isso veio essa política da identidade negra. [...] A estética é um processo revolucionário, um processo de transformação! Assumir uma estética negra foi um processo revolucionário, junto com isso também o posicionamento político, se colocando dentro do processo político alternativo [...]. A gente começou a se perceber também de fortalecer essa luta afro indígena e trazer essa identidade indígena também dentro de um processo estético, tanto na forma de se vestir, como na produção artística. (Jaco Galdino. Entrevistado em 05 de Fevereiro de 2019)*

*Nas proposições dos Umbandaum há uma preocupação com a formação de uma consciência. - Quem eu sou? O que esse tema tem a ver comigo? Como me construo a partir disso? Conforme o que propões Carlos Rodrigues Brandão, uma educação para a formação de uma consciência política, a partir de um movimento cultural. E nesse caso, o profissional que está envolvido, que está liderando, torna-se um agente cultural [...] que é ao mesmo tempo político. Então o Umbandaum, além dele ser um ator cultural, ele passa a ser também um ator político dentro de Caravelas, influenciando toda a região. Um ator político orgânico, conforme nos lembra Gramsci, pois o Umbandaum não está simplesmente preocupado com a arte pela*

*arte; é uma arte engajada, uma arte política, uma cultura voltada para a formação política dos que participam.* (Helânia Porto. Entrevistada em 22 de Dezembro de 2018)

*O Umbandaum é um espaço de democracia... A gente quebra pau, a gente briga em todas as reuniões, mas sempre sai uma coisa maravilhosa, e é isso que o Umbandaum! É uma grande família, por mais que muitas pessoas sejam meus parentes, as outras pessoas que não são de sangue, são de coração, então a gente tem todo mundo ali dentro [...]. Trabalho o respeito e a resistência [...] por mais que a gente pregue bastante a questão do negro e das religiões de matriz africana, é para a pessoa conhecer, entender, respeitar, e gente poder dançar os passos dos orixás. Quando a gente dança os passos dos orixás, a gente se liberta.* (Carla Galdino. Entrevistada em 30 de Novembro de 2018)

*Todos os corpos que hoje são membros do Umbandaum, todos os corpos negros que são membros do Umbandaum são corpos políticos! Isso fica evidente na fala, no gesto, isso fica evidente na arte que é executada, isso fica evidente, por exemplo, quando a gente vê na avenida a energia pulsante, ali é um corpo político gritando resistência o tempo todo! Então a gente não consegue pensar Umbandaum dissociado da política. Umbandaum é um corpo político atuando dentro do espaço do Extremo Sul da Bahia.* (Jéssica Silva. Entrevistada em 22 de Dezembro de 2018)

Diferentemente de outras organizações de formação e de educação, o Umbandaum se constitui como uma força que se soma ao Arte Manha. Por terem estes dois espaços objetivos comuns, estruturam-se de maneira orgânica. Logo, os planejamentos e as ofertas de oficinas se estruturam, às vezes, em um mesmo contexto e evento. Essa forma de organização como um “circuito socialmente organizado, visível e palpável” (BOTELHO, 2007), pode ser entendido como um modelo de práxis democrática, de gestão participativa e colaborativa.

Dentre o levantamento de produções realizadas pelo grupo Umbandaum ao longo de seus trinta anos, apresentamos práticas educativas e culturais que desenharam esse movimento.

**a) Teatro** - o Umbandaum sempre buscou por meio do teatro, desde a sua gênese, a valorização a reconstrução de aspectos das identidades étnico-raciais, conforme o relato de Dó Galdino (2019) para o documentário:

*A partir das manifestações de teatro puxadas por Itamar e Jaco o Umbandaum nasceu justamente. Na verdade nasceu quando juntou nessas expressões a questão afrodescendente, por que até então, era simplesmente, essa cultura vanguardista do grupo de capoeira e dos grupos de afoxés, mas que não tinham essa conotação política. O grupo de capoeira nasceu com esse processo de enfrentamento em 1988, mas com a junção do Grupo Averso em Cena com o Grupo de Capoeira Pé no Ar, para ali, aconteceu o grande gancho para se discutir a questão da afirmação da identidade cultural afro-brasileira. Foi quando, em 13 de maio de 1988, na comemoração da Abolição da Escravatura. Esses dois grupos juntos, o teatro e capoeira entraram para contrapor essa ideia da comemoração dos 100 anos de Abolição. No protesto a essa comemoração nasceu a ideia de criar a faixa “100 anos da falsa abolição”, ali veio para mim a essência do grupo Umbandaum.* (Dó Galdino. Entrevistado em 15 de Março, 2019)

O grupo foi fortalecendo sua identidade política, estabelecendo o teatro como um instrumento singular de promoção e de afirmações identitárias afro-indígenas. Nesse sentido, os espetáculos foram e são montados para informar, conscientizar e sensibilizar a comunidade

acerca de seus patrimônios naturais, históricos, arquitetônicos e culturais. A cultura como elemento básico no processo de resistência as superestruturas econômicas definidoras do capital e do poder, portanto um lugar dos afro-indígenas denunciarem em seus espetáculos a “fome de tudo”, de direitos e de cidadania, a crítica apresentada no espetáculo “Comida”. Outro exemplo da arte cênica engajada do Umbandaum, tem-se o espetáculo “Queima de Arquivo”, uma revelação das violências sofridas pelos povos indígenas, como, foi o assassinato de Galdino Pataxó Hã-Hã-Hãe, em Brasília.



FIGURA 1: ESPETÁCULO QUEIMA DE ARQUIVO (2009) FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM

Os depoimentos de Kleison Medeiros e de Vanessa Rozisca, que participaram deste espetáculo, definem a função educadora e política do teatro no contexto do Umbandaum:

*O que mais me tocou, me emocionou de verdade foi o show que a gente fez na cidade de Eunápolis – o show “QUEIMA DE ARQUIVO”. Foi um show muito importante porque conta a história do índio Galdino que foi assassinado, esse foi um dos momentos importantes que tive aqui no Umbandaum. (Cleison Medeiros. Entrevistado em 12 de Janeiro de 2019)*

*Itamar já me colocou no espetáculo Queima de Arquivo, na primeira versão do espetáculo, [...] com o passar dos anos ali com o Umbandaum [...] fui crescendo, me identificando, me conhecendo e conhecendo os aspectos políticos, sociais, culturais do Arte Manha. Aí eu aprendi, e a partir desses momentos eu me inseri cada vez mais no grupo, e me afirmei muito mais a partir desse momento. (Vanessa Roziska. Entrevistada em 21 de Dezembro de 2019)*

A busca de afirmação da identidade cultural, no âmbito social, político, simbólico e afetivo no Umbandaum representa papel fundamental na vida dos sujeitos inseridos em seus projetos. Nesses sentido, o teatro como linguagem vem compondo o tecido da etnicidade, portanto, necessário se fez para o grupo o conhecimento da literatura popular e dos mitos, reforçando, assim, o sentimento de pertencimento ao grupo étnico-racial:

*A arte é capaz de transformar o ser humano. Para mim foi a dança e foi o teatro. Fui engajada e não quero parar nunca! O Umbandaum para mim foi uma das escolas que me fez crescer como ser humano, me fez crescer como mulher, me fez ser quem sou. Fez eu levar em frente toda essa luta, que eu sempre falo, desde o início que me orgulho demais que dos que os meus ancestrais deixaram pra mim, e é o que eu passo para essa nova geração, para os meus filhos, para os filhos de quem frequenta aqui também. Porque aqui entraram crianças que hoje já são mães, já são pais, e o Umbandaum pra mim é esse engajar para vida mesmo, para levar para todo o sempre. (Simone Dos Anjos. Entrevistada em 25 de Novembro de 2018)*

Nesta forma de experienciar o teatro, conforme depoimento, revela-se um sentimento profundo de pertencimento a coletivo que passa ser considerado como família. O que alimenta essa fraternidade, talvez seja também a força da espiritualidade africana e indígena, que se manifesta nas artes e demais linguagens utilizadas pelo movimento. Com seu corpo e espiritualidade cada um se afirma na existência individual e na construção da identidade étnico-racial coletiva. Os corpos negros que foram arrancados de suas terras originárias, pela travessia do Atlântico em tumbeiros, trazendo as marcas da resistência, no teatro, são trazidos para o aqui e agora da vida em enfrentamento aos preconceitos ao tempo em constroem outras perspectivas de futuro.

Entendemos, assim, que não se fomenta cultura afro-indígena-brasileira individualmente, na solidão, mas no coletivo, na cooperação com o outro. As manifestações artísticas do Umbandaum estão fincadas nesse sentimento de pertencimento e na participação coletiva, de tal forma que cada indivíduo sem romper com os demais possa desempenhar sua representação de ordem cósmica, possibilitando movimentos ao passado para transmissão do novo.

**b) Cine Clube Caravelas** - outro investimento desse coletivo são as produções de curtas-metragens. Algumas dessas produções foram premiadas em concursos nacionais, como os curtas Lia e Não Manguê de Mim. Um dos últimos trabalhos foi A lenda do Monte Pascoal: uma história de amor do jovem casal de Pataxós, Zabelê e Ythamawy que atravessa o

tempo, gravada nas aldeias nas aldeias Pé do Monte e Aldeia Nova, inseridas no Parque Nacional de Monte Pascoal, no município de Porto Seguro (BA), tendo como enredo a explicação mítica do surgimento do monte. Nesta produção todos os personagens foram interpretados por indígenas Pataxós, conforme a direção e orientação acerca da arte cinematográfica pelos agentes culturais do Umbandaum.

Nessa perspectiva o grupo Umbandaum na produção do curta A Lenda do Monte Pascoal buscou articular os saberes tradicionais aos tecnológicos, coletivamente com os aldeados do Pé do Monte Pascoa e da aldeia Nova estruturou-se um formato de cultura midiática de afirmação identitária, para que essa produção cinematográfica pudesse contribuir para a formação educacional, política e cultural dos participantes do projeto, e futuramente como material paradidático de apoio às atividades educacionais nas escolas indígenas pataxós.

Jaco Galdino lembra que:

*Quando a gente fez o filme a “A LENDA DO MONTE PASCOAL”, muitos questionaram, dizendo que não era bem assim... Por que era diferente, e que a gente estava querendo inventar uma história! A gente não estava querendo inventar uma história... A gente estava contando uma história de como uma aldeia do povo Pataxó se vê dentro desse universo, de como os Pataxós acreditam que era seu povo quando Cabral chegou aqui. Que era a verdade dele, então essa era a verdade dele. É como a gente entende às coisas. (Jaco Galdino. Entrevistado em 05 de Janeiro 2019).*

O curta nasceu como uma proposição de descolonização do território, assim, o Monte Pascoal – ponto geográfico registrado pelo escrivão Pero Vaz de Caminha em 1500, passa a ser nessa narrativa o território sagrado dos Pataxós, conforme os modos de pensar e de contar dos Pataxós.



**FIGURA 2: GRAVAÇÃO DO FILME A LENDA DO MONTE PASCOAL (2013)**  
**FONTES: ACERVO DO UMBANDAUM**

c) **Arrastões Culturais** - nas proposições das oficinas, o coletivo do Umbandaum busca em determinados eventos acordar a população local e visitantes/turistas para ocuparem as avenidas, praias, ruas, pois a música e o movimento pedem passagens, conduzindo todos à simbologia do encontro possibilitado pelas expressões artísticas.

Nos arrastões a memória longínqua do continente africano e do Brasil indígena é reconstruídos em performances que ocupam as avenidas.



FIGURA 3: ARRASTÃO CULTURAL DA SEMANA ZUMBI (2010, CUMURUXATIBA)  
 FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM

De acordo com Cortês, Santos e Andraus (2011), por meio “da arte, da dança, da vivência e da tradição, o artista retoma sua história pessoal”. A valorização da cultura e da história de povos negros e indígenas, por meio da dança, literatura, música e do teatro no desenvolvimento do potencial criativo de cada participante, tem sido o foco das ações do Umbandaum. Desde a sua formação, a proposta do grupo é, através expressões artísticas e literárias desenvolver um trabalho de intervenção social comprometido com a memória coletiva, isto é, com as tradições afro-indígenas regionais, talvez, uma forma de responder aos processos discriminatórios sofridos pela condição social, constituição étnico-racial. Esses aspectos são apresentados por Jaco Galdino (2019):

*[...] por que a gente era discriminado, como a gente estava naquela situação periférica, onde as coisas nos eram negadas, e tinha uma marca negra. Eu acho também que uma coisa que foi marcante, que estava acontecendo em Salvador - a*

*re-africanização do carnaval. No ano 2000 quando eu li o livro “Carnaval Ijexá entendi tudo o que aconteceu com a nossa trajetória, pois o que estava acontecendo em Salvador, no processo de re-africanização da música negra no carnaval! O Ylê, os Ijexás, os Blocos, os Trios Elétricos tocando Ijexá, Morais Moreira, Pepeu, toda aquela galera, Gilberto Gil, o retorno dos Filhos de Gandhi, os Blocos Afros, e aí aconteceu uma coisa que foi fantástico que foi a música de Gerônimo “Eu sou negão”! Aquele grito... “Eu sou negão”, me lembro em Caravelas de alguém falar com tanto orgulho “Eu sou negão”! Eu, era um grito de guerra, acho que isso ecoou na gente em 88, com a comemoração dos “100 Anos da Falsa Abolição”, aí essa coisa de ser negão veio forte!*

A escravidão africana no Brasil é, certamente, um dos temas muito discutido por diferentes pesquisadores e instituições de estudos africanos e, no movimento Arte Manha de Caravelas, é tema trabalhado em rodas de conversa, dentre outras atividades que são realizadas pelos seus núcleos artístico-culturais e, nessa direção, o Umbandum tem contribuído com suas múltiplas formas de abordagens, linguagens, arte e performance. Nas suas atividades sobre o desenvolvimento desse tema utiliza a leitura, discussão, interpretação e reflexão de textos que permitam a melhor compreensão dos participantes, por exemplo, do autor, historiador e membro nacional da academia de letras, Gasparetto Junior, sobre “Navio Negreiro: uma história que se repete em pleno século XXI” (2009), “origens dos escravos africanos e outros temas sobre negros e escravidão, situação que se multiplica na sociedade brasileira (2009).

**d) Atividades no atelier Eco-artesanal** - há investimento também na produção de um eco-artesal, que inclui: marcenaria com madeira reaproveitada, olaria, decoração com materiais alternativos, costura, serigrafia, bem como a criação de adornos e alegorias para os grupos culturais locais.



**FIGURA 4: OFICINAS DE ESCULTURA (2015) FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM**

A partir da constatação de que as manifestações culturais não são reconhecidas pelos governos locais como atividades prioritárias e possíveis de gerar renda, os participantes do movimento investem na formação de jovens da comunidade.

O objetivo das atividades do atelier eco-artesanal tem sido oferecer alternativas de geração de trabalho e renda, enfatizando a importância do trabalho cooperativo e de proteção ao meio ambiente, para que a realização de uma produção artística e artesanal tenha um significado cultural, promovendo a valorização da identidade local e a autoestima dos artesãos.



**FIGURA 5: OFICINAS DE ESCULTURA (2015) FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM**



FIGURA 6: OFICINA DE ESCULTURA (2015) FONTE: ACERVO UMBANDAUM

O responsável pela oficina de entalhe é Dó Galdino, que ao falar dessa experiência não desvincula essa prática de sua história de vida:

*Eu sou filho de uma família de criadores de animais e de agricultores que veio para essa cidade, Caravelas, no final da década de 70. Quando cheguei na cidade fui influenciado pelas inspirações da natureza e da cultura local, e a família tendeu-se para a expressão artística. A maioria das pessoas de dentro da família termina praticando várias modalidades de arte. Eu sou um deles! Desde dos 12 anos eu trabalho com entalhe. (Dó Galdino. Entrevistado em 15 de Março de 2019)*

As práticas do “fazer fazendo” no atelier eco-artesanal permite entender que,

Uma pessoa qualquer, em seu ser culturalmente socializado, mesmo na infância, é, na qualidade de um ator social e de um autor cultural, uma experiência tornada individual da realização de uma cultura, ou de um entretecer de culturas. Sem empregar essa palavra, rara em seu tempo e pouco cara aos seus sucessores (BRANDÃO, 2009, p. 719).

Trata-se, portanto, de experiências vivenciadas na relação entre conhecimento e prática que tornam a educação “uma das práticas sociais situadas em diferentes dimensões de uma cultura”, como afirma Brandão (2009, p. 721).

**e) Oficinas de Música** – a oficina de música de instrumentos percussivos com ritmos afro-brasileiros, articula-se com as demais ações, especificamente com a de dança, com os arrastões e participação do Bloco Umbandaum no carnaval. Nessas oficinas formam-se os músicos de bandas para shows e dos grupos de percussão, atendendo públicos de diferentes idades, desde adolescentes de escolas de públicas a estudantes universitários.



**FIGURA 7: OFICINA DE INSTRUMENTO (2017). INTERCÂMBIO COM ESTUDANTES DO COLÉGIO SANTA CRUZ (SP) FONTE: ACERVO UMBANDAUM**

A educação musical se constrói articulada as demais ações do movimento, sem perder de vista a marca identitárias e cunho político dessas ações. “Desde o entalhe, a música, a dança, os espetáculos, a produção também o entalhe, a pintura, a criação, a arte, tem essa marca de uma estética afro-indígena, que foi a nossa referência, nossa marca e é um processo político”. (Dó Galdino. Entrevistado em 15 de Março de 2019).



**FIGURA 8: OFICINA DE INSTRUMENTO (2015) FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM**

Para se entender como essas formações são realizadas é de fundamental importância a participação, para não correr o risco de analisá-las sob uma categoria de análise prefixada. É preciso acolhê-las em seu conjunto, como uma realização histórico-social-cultural, cuja composição e cujos interesses são modificados em função de fatores estruturais e conjunturais, constituindo-se sempre em nova inventividade.

**f) Oficinas de Dança** - tem por objetivo possibilitar aos cursistas contatos com danças e músicas de matrizes africanas e indígenas, para que estes sejam conhecedores da cultura popular.

A culminância das oficinas de dança sempre se dá em Mostra de Artes Integradas ou em espetáculos. Ao se valorizar a cultura e a história de povos negros e indígenas através da dança, os potenciais criativos de cada participante são suscitados e muitas conversas circulam no contexto das aulas, temas diversas, como etnias, gêneros, culturas e aspectos históricos do negro e de indígenas na sociedade brasileira.



**FIGURA 9: OFICINA DE DANÇA AFRO-INDÍGENA NO DANDARA ZUMBI (2013)**  
FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM



**FIGURA 10: OFICINA DE DANÇAS E RITMOS (2013)  
ACERVO DO UMBANDAUM.**

**g) Umbandaum em intercâmbios culturais** - na realização dessas ações há interlocução com remanescentes afro-indígenas do extremo sul da Bahia, levando oficinas de linguagens artísticas, ministradas pelo coreógrafo e artista plástico Itamar dos Anjos junto a integrantes do grupo de percussão do Umbandaum. Dentre essas, destacamos as atividades realizadas nas Semanas da Consciência Negra em Caravelas e região.

Nos dias 17 e 19 outubro de 2017 aconteceram as mostras culturais de vários grupos da Cultura Popular de Caravelas e região, além do Espetáculo Atlântico Negro, como convidado especial o Grupo do Samba Tinderê – um tipo de samba de roda da etnia Pataxó da aldeia Boca da Mata, Porto Seguro (BA) também contribuiu para o conhecimento e reflexão acerca da construção étnico-cultural do sul e extremo sul baiano.

Para a montagem do espetáculo Atlântico Negro contou-se com a participação especial do teatro da UNEB – Campus X - Grupo X e com a participação de 30 bailarinos-atores.



FIGURA 11: ESPETÁCULO ATLÂNTICO NEGRO (2017)  
 FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM

As culturas trabalhadas nos intercâmbios como as demais partes de uma concepção antropológica da cultura, pensadas como formas diversas de se manifestar na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e a sociedades envolventes. Para o Umbandaum a educação promovida nesses intercâmbios é que retroalimenta ações futuras e revela como pensam e vivenciam a cultura afro-indígena, conforme conta Ludimila Justino:

*O Umbandaum é dentro de Caravelas, não só para Caravelas, como nós fazemos os intercâmbios, nós passamos para essas pessoas o que ser negro e como vivenciamos a nossa cultura, que não é totalmente da forma que eles veem pela televisão ou que elas ficam sabendo pela internet. Nós, nós temos que ter muito orgulho de ser nordestino, por que a gente trava uma luta pelo fato da xenofobia que a galera sempre retrata a gente, nós negros temos que ser empoderados sim, porque as pessoas geralmente não sabem da nossa luta e eles tiram conclusões de algo que eles viram, e eles não sentem na pele. (Ludimila Justino. Entrevistada em 30 de Novembro de 2018).*

**h) Bloco Carnavalesco Umbandaum** – é mais uma das manifestações de rua do grupo Umbandaum que acontece no primeiro dia de carnaval. O tema escolhido para o carnaval de 2018 foi “Os 30 anos do Umbandaum”, assim o Umbandaum levou uma síntese de todas as temáticas apresentadas ao longo desses 30 anos de carnaval. No carnaval o bloco consegue agregar os sujeitos que se consideram Umbandaum. No carnaval de 2018 o coletivo foi constituído de aproximadamente 150 pessoas, sem mencionar os participantes dos

*Arrastões*, quando a Banda Umbandaum do trio elétrico puxou os foliões, conduzidos pelos dançarinos do Umbandaum, no chão da avenida.

**i) Oficina Imagens... Palavras e Movimento!** - consiste na realização atividades artístico-plástico-culturais intervencionistas, com aulas de dança afro-indígena, literatura e de artes plásticas com jovens e adultos, envolvendo estudantes e moradores de escolas de comunidades tradicionais, onde ações culturais são raras ou quase inexistentes.

Esta atividade visa despertar os jovens estudantes para que tenham um novo olhar para a criatividade artística, construindo junto aos cursistas conceitos de arte e importância desta no desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural de cada um. Nas oficinas percebemos que os jovens têm liberdade de exporem suas ideias, contribuindo para a socialização de saberes, que junto ao do professor outras propostas são levantadas, tendo como principal benefício a afirmação de valores socioculturais e da autoestima.

As oficinas são estruturadas a partir de alguns objetivos, a saber: construir, junto aos cursistas, informações sobre as riquezas culturais da comunidade; envolver todos os participantes, valorizando seus conhecimentos e fortalecendo através das expressões artísticas e culturais as identidades e as culturas afro-brasileiras e indígenas; apresentar aos cursistas a importância dos saberes ancestrais e das histórias tradicionais, aplicando esses conhecimentos na música, dança e literatura e promover intercâmbio<sup>9</sup> com outros grupos culturais, para a troca de conhecimentos e de experiências.

Quanto à organização das atividades, as aulas práticas sempre começam com aquecimento físico, tendo no máximo 20 minutos de exercícios. Logo após o aquecimento vem a aula de expressão corporal, tendo no máximo 1:30 h, depois um relaxamento de 10 minutos tendo em seguida 30 minutos para o desenvolvimento da aula de artes plásticas, seguida de mais 30 minutos para a aula de literatura, oportunizando a cada grupo, dividido para a criação de poesias, dentro do tema escolhido no momento das oficinas.

Essa oficina de literatura cada aluno de cada grupo escolherá uma palavra, que após se juntarem com as demais, tendo a palavra eleita como palavra-chaves, formarão uma poesia que será declamada no encerramento das oficinas.

---

<sup>9</sup> Como proposição planejamos um intercâmbio com os grupos de formadores e de cursistas para socialização de suas experiências na *Mostra de Artes Integradas* do Extremo Sul da Bahia.



**FIGURA 12: OFICINA IMAGENS... PALAVRAS E MOVIMENTOS (2018)**  
**FONTE: ACERVO DO UMBANDAUM**

As ações até então, realizadas tem promovido o potencial criativo de cada participante, o aumento do interesse e da valorização da arte local e um despertar sobre a relação humanista, como a importância da participação do negro e de indígenas na construção da sociedade brasileira, especificamente no Extremo Sul da Bahia

## **2.2 Depoimentos**

Com o objetivo de compreender as ações educativas efetivadas pelo Umbandaum, realizamos entrevistas com 14 pessoas<sup>10</sup>. Apresentamos os sujeitos que descrevem a proposição educativa do Umbandaum, situando cada um dentro do movimento.

A realização de entrevistas em profundidade com os 14 informantes da tabela, conforme observamos há 9 agentes culturais ligados diretamente ao Umbandaum e 5

<sup>10</sup> Quando pensamos como produto final um documentário, achávamos que poderíamos entrevistar muitas pessoas que passaram pelo Umbandaum, então, nos demos conta de que tínhamos que selecionar algumas pessoas, pois o tempo de exibição era curto para o número de questões a serem apresentadas; assim alheio a nossa vontade outras pessoas importantes ficaram de fora desse momento.

colaboradores de outras instituições, essas gravações foram acompanhadas de registro fotográfico, filmagens e de documentação audiovisual, informações que serão apresentadas na terceira parte, em construção.

As entrevistas foram norteadas por um roteiro estruturado em quatro itens: no primeiro item, buscamos apreender a identificação sociocultural dos entrevistados, incluindo o nível escolaridade e/ou instrução, comunidade de origem, tempo de residência em Caravelas ou em algum de seus distritos, e ocupação e/ou função que exerce no Umbandaum e fora dele.

No segundo item incluímos questões que situam as vivências de cada um no Umbandaum, como o seu tempo de participação no Umbandaum, a forma como se inseriu no grupo, as primeiras atividades que participou e as dificuldades encontradas nessas inclusões. Enfim, os sentidos e avaliações atribuídos ao Umbandaum, às suas práticas educativas e aos seus métodos.

Já no terceiro item abarcamos questões de reflexões acerca das atividades realizadas pelo Umbandaum quanto reflexões de questões étnico-raciais, assim, indagamos como cada um se percebia como sujeito social, cultural e político a partir das atividades as quais participou.

E em seguida, verificamos se as atividades realizadas pelo Umbandaum promoviam o reconhecimento de suas identidades étnico-raciais, abrangendo como cada um se auto denominava etnicamente. Buscamos ainda nessa temática alcançar como o Umbandaum possibilitava aos participantes uma formação crítica, especificamente sobre as culturas, as artes e as histórias e os sujeitos.

O quarto item abarcou questões inerentes as projeções que cada um faz do Umbandaum, isto é, como cada entrevistado se via na continuidade das ações do Umbandaum, no futuro. Indagamos também se as ações educativas possibilitavam uma formação profissional, consequentemente autonomia financeira àqueles que se dedicavam as atividades do Umbandaum.

**Quadro 1: entrevistados**

Sujeitos		Perfil sociocultural
Educadores do Umbandaum	Jaco Galdino	57 anos - Um dos fundares do Grupo Umbandaum, artista plástico, ativista cultural, cineasta. Reside em Caravelas, exerce a função de secretário de Cultura do município de Caravelas. Sempre defendeu a realização de um trabalho mais voltado para a identidade, para as raízes, para o modo de pensar e vivenciar a cultura caravelense.
	Carla Galdino	25 anos - Bailarina do Grupo Umbandaum e estudante do Curso de Letras na UNEB. Cresceu em meio a arte e graças a essa arte Graças se fortaleceu como mulher, artista e militante feminista.
	Rui Galdino	23 anos – músico, cantor e artesão.

	Cleison Medeiros	26 anos - Mestre de percussão do Grupo Umbandaum, Mestre de capoeira de Angola e artista plástico! Desde os 12 anos de idade está inserido no Umbandaum.
	Lilian Bertoso	36 anos - bailarina do Grupo Umbandaum desde os 6 anos de idade.
	Ludimila Justino	23 anos - bailarina no Umbandaum, além de articulista de algumas ações junto ao grupo.
	Jorge Galdino (Dó Galdino)	50 anos – Artista plástico, bailarino, um dos fundadores do grupo, tendo dentre as várias funções a de assistente de direção.
	Hilma dos Anjos (Dadá)	75 anos – Matriarca do Grupo Umbandaum, dando apoio em diversos momentos do grupo desde sua fundação.
	Simone dos Anjos	46 anos – Bailarina do grupo desde a sua criação, também responsável pelos figurinos e adereços.
Colaboradores	Clóvis Neide Fidelis da Paixão (Chicão)	75 anos - Participante do grupo Umbandaum em muitas atividades, desde o surgimento do grupo.
	Mauro Carvalho	67 anos - Parceiro do grupo desde sua criação e em muitos momentos esteve na avenida desfilando com o Grupo Umbandaum. Formado em desenho industrial na Escola Superior de Desenho Industrial - Rio de Janeiro, e em Artes Plásticas no MAN do Rio de Janeiro.
	Vanessa Rozisca	42 anos – turismóloga, paranaense, tem ligação com Caravelas há 20 anos. Ex-bailarina do Grupo Umbandaum. Atua em parceira nos eventos culturais.
	Helânia Porto	53 anos – professora e pesquisadora de questões étnico-culturais no contexto indígena da Uneb. Parceira do Grupo Umbandaum.
	Jéssica Silva Pereira	25 anos - Parceira do Grupo Umbandaum e integrante do grupo de dança. Filha de Mariana Maurício Silva e Antônio Pereira da Silva, atualmente teixeirense. Nascido e de coração extremo sul da Bahia, formada em História da UNEB, atualmente estudante do PPGER da UFSB, Campus Paulo Freire - Teixeira de Freitas. Conheceu o Umbandaum através da Carla Galdino na UNEB, em um trabalho de questões raciais.

Fonte: Levantamento realizado pelo pesquisador, 2018.

### 2.3 A Construção do Documentário

A escolha do documentário como produto didático foi por este se caracterizar como uma fonte inspiradora para que pudéssemos, além de um registro histórico da vida permanente do Umbandaum ao longo desses 30 anos, de suas lutas e conquistas, termos um produto didático audiovisual importante para os estudos de práticas educativas e formativas que têm por base as relações étnico-raciais.

Com o objetivo de captarmos o que pensam os sujeitos que direta ou indiretamente estão ligados acerca do potencial criativo do Umbandaum elegemos a produção audiovisual do documentário como um procedimento de investigação de estudo de caso.

O estudo de caso, na perspectiva de Meirinhos e Osório (2010), é uma metodologia de característica de investigação qualitativa, organizado dentro da lógica que guia sucessivas etapas metodológicas, desde coletas de informações, análises e interpretação, numa abordagem qualitativa. Assim, a partir das narrativas coletas junto aos agentes culturais Umbandaum revelaremos como o Umbandaum é entendido em suas ações educativas, políticas e de resistência.

Como sabemos os atores sociais do grupo Umbandaum buscam por meio de suas práticas educativas revitalizarem e valorizarem as manifestações culturais e, nesse processo de conquista do que perderam historicamente, utilizam as questões étnico-raciais e as artes como temas e fomento para suas ações políticas e artísticas. Sendo assim, neste documentário, buscamos interpretar nos depoimentos as mudanças, em dimensões culturais, políticas, econômicas, sociais promovidas daqueles/daquelas que participam das ações políticas, educativas e culturais do Umbandaum, e os conhecimentos/saberes que fundamentam as propostas educativas do Umbandaum.

As apreciações dos entrevistados das práticas educativas-culturais desenvolvidas pelo Umbandaum foram empreendidas por meio de diversas temas apresentados, assim a síntese das respostas legitima o propósito do Umbandaum, como de afirmação das identidades étnico-culturais daqueles que vivenciam experiências no Umbandaum e os métodos educativos culturais elaborados pelo grupo.

Espera-se que a produção desse material técnico-científico-cultural-pedagógico<sup>11</sup> possa contribuir na divulgação das artes e da cultura, na implementação de políticas afirmativas de cultura popular, e que o Umbandaum seja entendido como ator político e

---

<sup>11</sup> O documentário na versão audiovisual terá aproximadamente 30 a 40 minutos.

afetivo, portanto uma forma de construção de uma educação cultural e emancipatória, perspectivada em uma ética comunitária, contextualizada no tempo presente, sem abrir mão dos conhecimentos encentrais.

Como empreendermos o Umbandaum como ator político e formativo (BRANDÃO, 1985, FREIRE, 1999 e 2000), inferimos, a partir das falas dos entrevistados, que as técnicas pedagógicas produzidas nos processos vêm promovendo uma educação cultural, social e política. (FREIRE, 1999) a partir dos conhecimentos e das experiências que explicitam o formato de educação construída pelo Umbandaum

Poderíamos pensar ainda na construção de uma educação libertária (FREIRE, 2000) por esta ser voltada para excluídos, que se desemboca em formas de resistência, de recriação de valores e de padrões, adquirindo expressões políticas significativas, conforme refletiram os entrevistados acerca do grupo antropológico. Um grupo de revolucionários que se inserem com suas artes e linguagens em um contexto neoliberal marcado por contradições sociais e culturais.

### **2.3.1 Descrição dos processos de construção do documentário**

Como objeto de pesquisa e produto de estudo, que terá como finalização um vídeo documentário, tem como proposta trazer em foco todo legado histórico do Grupo Afro-indígena de Antropologia Cultural Umbandaum, como pioneiro de um movimento social, político, étnico-cultural no Extremo Sul da Bahia, além de sua importância no fortalecimento da cultura afroindígena, através da dança, música e de outros saberes dos mestres da cultura popular; um modelo de educação cultural, em que os valores humanos sejam vistos como potenciais criativos de valorização da cultura popular e da autoestima.

Quando se comemorava os cem anos da abolição, nasce o Umbandaum, e, a partir dessa data foi se fortalecendo como um espaço artístico, de resistência, expressão, cultura, abarcando o tema afroindígena nos processos de resistência política, artística e cultural. Nesse percurso e desenvolvimento de um espaço afroindígena e de Antropologia Cultural, os desafios foram diversos e múltiplos, nos quais, a diferença entre o social e o cultural, sendo ambos inseparáveis e relacionados, mas um não reproduz totalmente o outro, como afirma DaMatta (1981).

Conforme fora explícito, o documentário foi estruturado com depoimentos e pesquisas de arquivos fotográficos, vídeos, recortes em jornais, busca de materiais em redes

sociais, sendo os depoimentos de cada entrevistado os apreendidos na revelação do legado e das propostas culturais, artísticas do grupo.

As entrevistas tiveram como foco a apreensão desses sujeitos sobre as práticas educativas do Umbandaum, revelando as metodologias e as concepção educativas e de formação a partir das relações étnico-raciais do Umbandaum.

Nesse sentido buscamos entender se o que se estabeleceu no Umbandaum, na perspectiva de Carlos Rodrigues Brandão, seria uma cultura de conquista por grupos oprimidos em diferentes espaços públicos (BRANDÃO, 1985), pois os educadores populares do Umbandaum compreendem que a formação fora da escola pode conferir aos sujeitos maior poder de decisão e de participação social, política, econômica, uma vez que ser indígena ou negro excluído do capital, exige experiências culturais associadas a uma formação política, estas viabilizadas por participações conscientes nas diferentes proposições artístico-culturais apresentadas, analisadas e vivenciadas por eles. Revelar o que pensam os entrevistados acerca das ações educativas, culturais e políticas do Umbandaum na região e de fortalecimento das relações étnico-raciais projetadas pelo grupo Umbandaum exigiu a organização de ações realizadas durante o ano de 2018, conforme o cronograma de produção:

Quadro 2: cronograma de produção

ETAPA	DURAÇÃO	DESCRIÇÃO
<b>PRÉ-PRODUÇÃO</b>	90 dias	<b>Junho, Julho e Agosto de 2018</b> <b>Direção Geral de Produção:</b> Criação da página de face book do documentário, início de pesquisa em campo onde serão feitas pesquisas de relatos do grupo Umbandaum, escolha de fotos e gravações antigas, conversas com indivíduos da comunidade e do Movimento Cultural Arte Manha, Pesquisas de monografias feitas do grupo, vídeos, etc., onde terá entrevistas prévias e gravação de imagens prévias para que sejam selecionadas posteriormente e sirvam de bases para futuras gravações definitivas do documentário
<b>PRODUÇÃO</b>	90 dias	<b>Setembro, Outubro e Novembro de 2018</b> <b>Execução do Cronograma de Filmagens:</b> Organização da equipe de filmagens, escolha de indivíduos para as entrevistas, definir quem irá fazer o texto da narrativa do documentário, escolha de quem irá narrar o documentário, escolha do editor, repórter, sonoplasta, maquiador, escolha de locação de algumas filmagens e cidades que o grupo teve participação em alguns eventos.
<b>PÓS-PRODUÇÃO</b>	150 dias	<b>Dezembro de 2018, Janeiro, Fevereiro e Março de 2019</b> <b>Logger de material filmado e gravado:</b> Decupagem do material, cortes e montagem, colaboração, efeitos e infografia, finalização de som, edição, correção de imagens e cores, entrega do produto final

	330 dias	
--	----------	--

Fonte: Planejamento sistematizado pelo pesquisador.

A sistematização do que pensa o coletivo de educadores populares e colaboradores que participaram do memorial será tratada na parte três, a partir da edição do documentário, assim a subjetividade de cada entrevistado será dialogada com os teóricos que tratam da construção étnico-racial, da cultura na promoção da educação e da formação política. Os 30 anos de Umbandaum construído por olhares que experienciam seus projetos educativos construindo coletivamente.

Pretendemos a partir dessas descrições e das narrativas coletadas ‘desenharmos’ o UMBANDAUM e suas estratégias de ensino das questões étnico-culturais, verificando as contribuições dessas ações na formação política de seus participantes e os impactos dessas ações na afirmação étnico-raciais em Caravelas e região.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

BARBA, Eugênio. **Queimar a casa**: origens de um diretor. Tradução Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

\_\_\_\_\_. **Além das ilhas flutuantes**. A arte secreta do ator: dicionário de Antropologia Teatral. Tradução Luis Otávio Burnier. Campinas, SP: Hucitec, 1991.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, A. A. C.; BARBALHO, A. (Org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007, p. 37-60.

BARBIER, René. **A pesquisa-Ação na Instituição Educativa**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BECK, ULRICH; GIDDENS, ANTHONY e LASH, SCOTT. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução Magda Lopes. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

**BOLETIM Arte Manha: Umbandaum**: grupo afro-indígena de antropologia cultural. Bahia: Caravelas – Extremo Sul da Bahia, maio de 2008.

BOTELHO, Isabel. Políticas culturais: discutindo pressupostos. In: NUSSBAUMER, G. (Org.). **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: Edufba, 2007, p. 171-180.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 1985.

\_\_\_\_\_. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. In **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 715-746, set./dez. 2009

\_\_\_\_\_. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 15 de maio de 2017.

BRASIL. **Lei nº10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em 15 de maio de 2017.

BRASIL. **Lei nº. 11.645, de 10 março de 2008**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em maio de 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performatividade de assembleia**. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2000.

CÔRTEZ, Gustavo; SANTOS, Inaicyrá Falcão dos; ANDRAUS, Mariana Baruco Machado. “Corpo e Ancestralidade: estudo dos rituais e mitos de origem afro-brasileira no panorama da dança contemporânea brasileira”. In **Revista Científica/FAP**, Curitiba, n.7, jan./jun. 2011, p. 17.

CUNHA, Maria Manuela Carneiro da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: Vital, L. (coord.). In Comissão Pró-Índio. **O índio e a cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.96-100.

\_\_\_\_\_. O futuro da questão indígena. In: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. 4. ed. São Paulo: Global : Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DIDI, Mestre. **Contos crioulos da Bahia. Salvador**: Núcleo Cultural Niger Okàn, 2004.

**DOCUMENTÁRIO 20 anos de UMBANDAUM**. Disponível em:<  
[https://www.youtube.com/watch?v=a49Ru\\_EKbvww](https://www.youtube.com/watch?v=a49Ru_EKbvww)>

FERREIRA, David Barbuda Guimarães de Meneses. **Entre contatos, trocas e embates**: índios, missionários e outros atores sociais no sul da Bahia (século XIX). (Dissertação Mestrado). Salvador: UFBA, 2011.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. Estudo sobre relação afroindígena, etnicidade e (contra)mestiçagem (Estudio sobre relación afroindígena, etnicidad y (contra) mestizaje). In LARKER, José Miguel; SANTANA, José Valdir Jesus de. **Revista Binacional Brasil – Argentina – RBBA**. Relação classe, raça e etnia – Relación classe, raza y etnia. Dossiê Temático, v. 7, n. 1. 2018. p.395-392

FREINET, Celestin. **A Educação do Trabalho**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Para uma Escola do Povo**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do bom senso. Tradução J. Batista. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Educação e mudanças**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. Navios Negreiros. In: **HB – História Brasileira**: toda a história do Brasil [online]. 2009. Disponível  
 <[http://www.grupoescolar.com/materia/o\\_trafico\\_e\\_os\\_navios\\_negreiros.html](http://www.grupoescolar.com/materia/o_trafico_e_os_navios_negreiros.html)>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

\_\_\_\_\_. Os africanos no Brasil. In **Portal da Cultura Afro-brasileira**. [online]. 2009. Disponível em: [https://www.faecpr.edu.br/site/portal\\_afro\\_brasileira/3\\_II.php](https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_II.php) Acesso em: 29 de julho de 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et. al]. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.

MARTINS, Leda. Performance do tempo espiralar. In RAVETTI, G. e ARBEX, M. (Orgs.). **Performance, exílio, fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: FALE – Faculdade de letras da UFMG, 2002.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **Revista EDUSER**: revista de educação, v. 2(2), 2010. Inovação, Investigação

em Educação, 2010. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2010. Disponível em: <bibliotecadigital.ipb.pt.>.

MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MORIN, Edgar. **Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MÜLLER, Regina Polo. Ritual, Schechner e performance. In **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Tradução Monique Augras. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTO, Helânia T. Na Exposição *Origem de Itamar dos Anjos*: hibridismo étnico-cultural como elemento fundante das produções artísticas. **Revista Processocom**. Disponível em: <www.processocom.br, 2016>.

ROCHA, Marisa Lopes da & AGUIAR Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. [versão eletrônica]. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, 2003, p. 64-73.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete, processo de formação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas uma poética identitária e de resistência em Helvécia** (Tese Doutorado). Porto Alegre: PUC, 2014.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. Corpo e ancestralidade: uma configuração estética afro-brasileira. In **Repertório**, Salvador, n. 24, p. 79-85, 2015.

\_\_\_\_\_. Dança e pluralidade cultural: corpo e ancestralidade. In **Revista Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 1, p. 31-38, jan./jun. 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. A expressão Oral na Cultura Negro-Africana e Brasileira. In: DIDI, Mestre. **Contos crioulos da Bahia**. Salvador: Núcleo Cultural Niger Okàn, 2004.

SCHECHNER, Richard. **Between theater and anthropology**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1985.

SGRILLI, Haryanna Pereira. A FORMAÇÃO PARA AUTONOMIA: contribuições da teoria crítica da escola de Frankfurt. In: **Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências**. v. 8, n.3, Marília (SP): Unesp, 2008, p. 307-318.

SILVA, Alberto Costa. **Um Rio Chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

TAVARES, Julio Cesar de; GARCIA, Januário. **Diásporas africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico**. GARCIA, Januário (fotografia e concepção). Brasília: Fundação

Alexandre de Gusmão, 2008.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3ª ed. São Paulo: Braasiliense, 1987, p. 82-103.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era Global. Tradução Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

## Apêndice A

### ROTEIROS DE ENTREVISTAS PARA O DOCUMENTÁRIO

#### 1. Identificação do entrevistado e coleta de depoimentos

- Nome:
- Instrução/escolaridade:
- Comunidade de origem:
- Tempo que mora em Caravelas ou em seu distrito:
- Ocupação/função:
- Sobre suas vivências no UMBANDAUM: Há quanto tempo participa do Umbandaum?
- Como você teve acesso ao UMBANDAUM, quais as primeiras atividades que você participou?
- Como você se percebeu como sujeito nas atividades em que você participou?
- Para você qual(ais) atividade(s) realizada pelo UMBANDAUM tem colaborado para o reconhecimento das identidades étnico-culturais da comunidade? Como você se auto denomina?
- Você considera que houve mudança no seu pensamento acerca da cultura, das artes, da sua identidade étnica? Conte-me como isso aconteceu:
- Caso fosse convidado a dar continuidade algumas das ações do UMBANDAUM, como faria?
- Você se considera capaz de desempenhar alguma atividade cultural na sua comunidade? Qual(ais)?
- Você considera que as aprendizagens construídas no UMBANDAUM vêm colaborando com a autonomia financeira de seus participantes? Caso a resposta seja sim, dê exemplos:
- Quais as dificuldades encontradas na sua inserção e participação nas atividades do UMBANDAUM?
- Que leitura você faz das atividades propostas e realizadas pelo UMBANDAUM?
- Para você o que significa o grupo UMBANDAUM?

## Apêndice B

### A INSERÇÃO DE CADA ENTREVISTADO NO UMBANDAUM

**JACO GALDINO** - No início da década de 80, eu fui para Salvador servir a Aeronáutica e fui morar na periferia, na casa de uma tia que ficava na periferia, no subúrbio de Salvador, chamado Peri-peri, no bairro Paria Grande, próximo da estação da praia tinha um trem e na praia colada à casa de minha tia estava o ARAKETU. O bloco ARAKETU ensaiava nos dias de domingo. E coincidiu que cheguei em Salvador próximo do carnaval, período em que os blocos estavam fazendo ensaio e aconteciam os festivais de música para selecionar a música-tema do carnaval. Foi ali que conheci o Tonho Matéria. Não me lembro se tinha muitos compositores! E as pessoas tinham mais ou menos a minha idade, na época eu tinha 18 anos e esse pessoal devia ter de 17 a 18 anos!

Eu não entendia nada do que estava acontecendo em Salvador, o que era o movimento da reafrikanização do carnaval de Salvador. Eu não entendia aquilo, mas era atraído pelos tambores! Esses tambores que já tinham na minha memória, uma experiência aqui em Caravelas de vivenciar com a minha mãe, que fazia bloco dos Tupinambás, Bloco de Índio, dos Terreiros de Candomblé, os Terreiros de Umbanda, o Grupo Nagôs, que eu participava direto com a minha mãe na minha adolescência, nos ensaios.

Fiquei um ano em Salvador, conheci também o Ylê desfilando, para mim era novidade toda essa relação com a mesma batida dos tambores. Voltando para Caravelas, comecei um movimento da criação do *Centro Cultural Pedro Saraiva*, mas era numa outra pegada, conheci também nesse período do carnaval um grupo de Salvador. Eu me lembro que uma das mulheres me perguntou por que a gente não tinha aqui o MNU - Movimento Negro Unificado. Aquilo para mim souu estranho, nunca tinha imaginado que tivesse Movimento Negro que se organizasse como negros. Para mim tudo aquilo era novidade! E essas questões dos tambores e o envolvimento com a arte.

Pedro Saraiva era um espaço cultural muito elitizado, instalado no centro da cidade onde a elite participava, a gente era apenas os colaboradores no espaço. E quando terminou o Centro Cultural Pedro Saraiva juntei mais Itamar e pensamos em fazer um trabalho mais voltado para nossa identidade, nossas raízes, o nosso modo de pensar, e aí a gente voltou para nossa rua do Eucalipto e para a Avenida, que eram as duas ruas que tinha uma população mais periférica, formada por negros e era discriminada. Ser negros não foi uma imposição para participar do negócio, a população realmente era negra. Aí que veio o teatro, a dança, a capoeira, o entalhe, e nessas a pulsação de ser negro posso a ser uma necessidade!

**CARLA GALDINO** – Eu era uma menina sonhadora que cresceu em meio a arte e que graças a essa arte aqui dentro desse movimento que é Artemanha que é Umbandaum se transformou nessa mulher forte que corre atrás dos seus sonhos e que sabe de onde veio e sabe para onde vai e como ela no ser humano melhor aqui em Caravelas.

Nasci no Rio de Janeiro e eu vivi lá durante cinco anos, até quando aos 6 anos eu vim morar em Caravelas, e foi uma coisa completamente diferente para mim porque eu vivia em uma cidade grande onde pelo pouco que eu me lembro eu brincava, mas não era como aqui em Caravelas. Em Caravelas eu não tinha meus primos por perto, porque a minha família toda é de Caravelas. Tinha alguns parentes no Rio, como a irmã da minha vó, mas não como em Caravelas. Quando vim morar em Caravelas que eu entendi de onde eu vinha, e de onde eu fazia parte. Então, desde quando eu tinha 6 anos é eu falo parte da família Galdino e da família dos Anjos, do Umbandaum. Eu tenho 25, e me considero Umbandaum desde quando eu estava sendo gerada.

Por mais que eu seja da família Galdino e da família dos Anjos, eu nunca tive favoritismo, pelo contrário eu sempre fui tratada como todo mundo foi. Então quando tinha um show seu só participava se eu fizesse o meu papel, porque eu batalhei para ter meu espaço.

Eu não fiquei, no UMBANDAUM porque minha família foi uma das fundadoras, eu fiquei no UMBANDAUM, e estou no UMBANDAUM, porque o UMBANDAUM é uma parte de mim, e eu não consigo me ver longe. Se eu fico longe... Eu fico doente, o UMBANDAUM me proporcionou coisa, e para outro lugar eu não iria...

**RUI GALDINO** - Pra mim é bastante gratificante fazer parte do Umbandaum. Eu nasci praticamente dentro da família UMBANDAUM, meus pais, meus tios foram os fundadores do grupo. E a gente se vê nessa luta, trazendo um resgate da cultura afro-indígena para dentro da nossa cidade - Caravelas. Eu me sinto bastante gratificado por estar dentro desse grupo, levando esse toque de percussão e a dança afro, levando a nossa cultura que traz a identidade, a ancestralidade, que eu acho bastante importante!

**CLEISON MEDEIROS** - eu tinha mais ou menos uns 12 anos de idade, na verdade eu ainda não tinha interesse em nada assim de música. Cheguei aqui, uma coisa me levou na outra. De cara assim eu me interessei mais pelas artes plásticas, via a galera mais velha fazendo, tive esse interesse de aprender com a galera mais velha. Com o tempo fui me interessando pela música, música percussiva, e estou à frente do

trabalho de percussão e junto ao grupo de Capoeira Angola. Eu tenho um trabalho de percussão com as crianças e adolescentes, e faço arte também.

Eu acho que o grupo UMBANDAUM que comemora seus 30 anos de resistência, faz um papel muito importante na comunidade. Ele vem trabalhando a questão afro, fortalecendo a nossa cultura... E pra mim fico muito honrado de estar a frente de um trabalho, dentro de um grupo como este. São 30 anos de resistência, assim que eu vejo, como no desenvolvimento desse trabalho de percussão afro-baiano, esse ritmo baiano assim que a gente toca. O que eu aprendi estou passando para essa galera mais nova que vem, dando continuidade do que eu aprendi, também!

**LILIAN BERTOSO** - A minha família é muito guerreira batalhadora. Minha mãe veio muito nova da roça, veio para cá, e batalhou no hospital, começou como faxineira e se aposentou com enfermeira. Tem dois filhos, eu e meu irmão Tiago. Ela é casada com Jorge, filho de Bino, famoso Bino e dona Izaltina. Também é um homem muito batalhador que com todo esforço, com toda garra conseguiu dar o melhor para mim e para o meu irmão Tiago. Consegui educar, consegui dar o de melhor, o que eles não tiveram condições de ter na infância eles conseguiram passar para a gente e minha mãe ela criou, teve dois filhos dela mesmo e um monte que criou naquela bagaceira de filho. Das irmãs dela ela criou uns 4 a 5 filhos de coração. E ela é meu espelho, ela é minha razão hoje em dia, ela é minha maior Heroína. Ela e meu pai, eu tenho eles dois como minha fonte de inspiração para toda a vida. Hoje em dia eles não moram aqui na cidade, tem uns 4 anos que eles compraram um pedacinho de chão para eles lá na Flor Lírio, e moram por lá...

Minha mãe ela é de terreiro, a minha entrada no UMBANDAUM tem bastante tempo eu era bem novinha na época. Eu acho que tudo se juntou, pelo fato de eu morar aqui perto do Arte Manha, já favorecia. Eu acho que já veio o chamando, entrei e comecei fazer capoeira com Dó, porque ele dava capoeira e fazia dança com Itamar... Naquela época Simone, a esposa de Dó, dava banca e eu fazia banca com ela. Na época aí tudo foi se juntando, acabou, que estou aqui até hoje!

Eu me sinto acolhida aqui sempre, e estou sendo acolhida até hoje! Eu vou ficar aqui para sempre, aqui foi minha segunda casa... Quando não estava lá em casa, eu estava aqui... brincando com os meninos, estava aqui fazendo alguma coisa. E foi passando o tempo e estou aqui até hoje, eu me sinto muita acolhida pelo espaço e pelas pessoas.

Com certeza! Hoje em dia, eu não me vejo de outra forma, apesar da minha pele ser um pouquinho mais clara, a pessoa fala: você não é negra! “Claro que eu sou negra...” Sou negra de sangue, sou negra de alma! Não importa a cor da pele, para mim a cor da pele não diz nada, eu sou negra! E o UMBANDAUM tem a identidade, tudo isso faz com que eu tenha esse reconhecimento.

**LUDIMILA JUSTINO** - eu faço parte do Movimento Cultural Arte Manha e do UMBANDAUM, desde os meus seis anos de idade. Hoje eu tenho 22 e eu tenho uma trajetória bem grande no UMBANDAUM, eu já passei por várias fases dele, e a fase que eu mais me identifico é de agora que em que consigo me ver mais como mulher negra e entendida do assunto. Eu acho que logo que comecei aqui eu não tinha entendimento, eu gostava de praticar, eu gostava disso aqui, eu sempre gostei de dançar, mas eu não tinha entendimento a fundo do que é ser negra... E hoje eu já tenho esse entendimento todo! Então, o UMBANDAUM virou minha segunda casa, minha segunda família.

Sempre me senti acolhida, é, principalmente nas apresentações o cuidado que vocês tiveram com a gente quando a gente era mais novo e o cuidado continua até hoje! Vocês têm esse cuidado, essa preocupação. Estão sempre perguntando como estamos, então é como se fosse uma família mesmo. Aqui todo mundo briga, todo mundo se entende ao mesmo tempo, todo mundo se abraça, todo mundo se beija e é isso!

Então, na época que eu estudava via como os colégios eram e são até hoje limitados, apresentam uma história limitada. Eles falam, não aprofundam muito o que é o ser negro, o que foi a história do negro, e já no UMBANDAUM não, a gente tem toda essa vivência, a gente entende que a luta que nós travamos hoje, já tem sido há muito tempo travada por nossos ancestrais, aqui a gente aprende a nossa história a fundo. Eu tive mais um contato com o povo negro dentro do UMBANDAUM, porque justamente na escola, era algo limitado! A gente só aprende o que tá ali no livro, o que é passado para a gente é bem limitado. Eu aprendi mais aqui, no Movimento Cultural!

**JORGE GALDINO – DÓ GALDINO** - eu sou filho de uma família de criadores de animais, de agricultor que veio morar nessa cidade, Caravelas, no final da década de 70 e quando cheguei na cidade fui influenciado pelas inspirações da natureza e da cultura local, e a família tendeu-se pra a expressão artística. A maioria das pessoas de dentro da família terminava praticando várias modalidades de arte e.. Eu sou um deles! Desde dos 12 anos eu trabalho com entalhe, e... herdei o nome do meu pai, Jorge, meu nome é Jorge Galdino, mas popularmente conhecido como Dó Galdino!

UMBANDAUM foi um processo, eu vim com um grupo de capoeira em 1985, de um grupo de capoeira daqui de Caravelas, capoeira de rua e com o passar dos tempos a gente foi se aliando com as outras manifestações que tinha, dentro que se tornou um dia o Arte Manha. A partir das manifestações de teatro de Itamar e de Jaco.

O UMBANDAUM na verdade para mim nasceu justamente de quando juntou essas expressões

afrodescendentes, porque até então, era simplesmente essa cultura vanguardista do grupo de capoeira que já existia nos grupos de afoxés, mas não tinha essa conotação política e tal.

O grupo de capoeira já nasceu pouco com esse processo de enfrentamento e em 1988 com a junção do Grupo Averso em Cena com o Grupo de Capoeira Pé no Ár... Pra mim foi ali o grande gancho para se discutir a questão da afirmação da identidade cultural afro-brasileira. Foi no 13 de maio, na comemoração da Abolição da Escravatura. Esses dois grupos juntos, o teatro e capoeira entraram para contrapor essa ideia da comemoração da Abolição, dos 100 anos, nasceu a ideia de criar a faixa “100 anos da falsa abolição”, ali veio para mim a essência do grupo UMBANDAUM.

**HILMA DOS ANJOS – DADÁ** – nasci em Barra Velha, e estou aqui para dar a maior força para o UMBANDAUM.

Nunca pude estudar... Muita dificuldade, eu passei coisas muito difícil, viemos morar em Ponta de Areia, de Ponta de Areia viemos pra aqui... Sempre eu labutando, criando galinha para eu poder me vestir, eu me casei nova, a minha vida foi assim sem futuro nenhum... Muita dificuldade, minha mãe mais meu pai, pessoa humildes, e a gente para poder sobreviver vestia roupas dos outros, então... essa era a maior dificuldade para nos criar, voltava para Barra Velha para fazer pescaria... lá a gente morava num ranchinho de barro, cama de forquilha, dava mosquito e a gente ia dormir na beira da praia, então isso tudo era dificuldade.

Eu me achava uma mulher guerreira pelo meu próprio pai, quando eu fiquei 10 anos na viuvez, aí quando eu procurei alguém para ficar, meu pai me tocou de casa, aí eu achava que isso aqui foi muita humilhação. Ele me dizia que na casa dele não servia para eu ficar mais! Aí eu estava fazendo um barraco, um quarto para mim e meus dois filhos, para criar meus filhos...

Meus filhos, Itamar entrou na arte, então eu dava a maior força para ele, para ele se pegar nos estudos, na arte, que é uma coisa maravilhosa, a arte é a vida do ser humano! Eu dava maior apoio.

Pra mim foi uma coisa maravilhosa que descobriram... Muita dificuldade, quando diziam que iam a Alcobaca fazer apresentação e ficavam no caminho pedindo carona, tudo para eles foi com dificuldades e eu sempre dando força.

Umbandaum é uma coisa maravilhosa que passou na vida da ora gente e toda a nossa família... Meu filho foi criado no UMBANDAUM, a minha filha e minha outra filha e agora meus netos, eles cantam, tocam violão, para mim é uma maravilha! É a coisa mais linda que tem é o UMBANDAUM! Então esse UMBANDAUM, não pode parar... Com certeza!

UMBANDAUM para mim foi uma maravilha, uma descoberta pra meus filhos, e eles sempre tiveram o meu apoio. Então... a família cresceu ali, a primeira geração minha, a gora vem a segunda, os meus netos, eles tocam, o Rui canta, para mim é uma coisa maravilhosa!

A força é buscar mais coisas e descobrir outras, apesar das dificuldades, o UMBANDAUM está aí com muita dificuldade! É todos os membros do UMBANDAUM estão ajudando pagar energia, pagar luz, então... Essa dificuldade é está muito difícil para as pessoas do UMBANDAUM.

**SIMONE DOS ANJOS** – sou uma mulher que sempre sonhou com essa questão da igualdade, da valorização dos nossos ancestrais, do que eles deixaram, o que foi toda história deles, seus sofrimentos, lutas e eu sou a continuação desse povo que eu admiro, que tenho orgulho dessa minha raça, que eu sempre vou está na luta e valorizando.

Eu comecei com 13 a 14 anos, a convite desses homens maravilhosos que a gente tem no grupo, que foi Itamar, Jaco, foi a primeira vez que discuti sobre uma questão ambiental e que a gente apresentou, eu me empolguei, fui junto! E daí em diante eu não parei mais. Veio a história da gente sair nas ruas através da arte. E na arte o questionamento político... Essa transformação que a arte faz no ser humano, por meio da dança, do teatro, sempre fui engajada e não quero parar nunca!

**CLÓVIS NEIDE FIDELIS DA PAIXÃO – CHICÃO** – quando vejo o espetáculo Cantos e encantos dentro do UMBANDAUM é ver a cultura, os tambores, os mitos, o sobrenatural, que eu respeito. Eu sempre me afinei com esse meio... Às vezes as pessoas acham que eu sou macumbeiro, porque eu gosto de bater tambor no centro espírita... Eu sou uma pessoa que sempre respeitou e gostou desse meio de Iemanjá, de São Jorge, então... Sempre gostei, do UMBANDAUM. O Umbandaum foi uma coisa que surgiu, que me fez bem, e que me faz bem...! O Umbandaum é um grupo que veio para ficar e a gente está dentro.

**MAURO CIANTRO RAMOS CARVALHO** – tive minha formação normal como qualquer menino, até chegar a Universidade. Lá eu procurei estudar desenho industrial na Escola Superior de Desenho Industrial, a ESSO no Rio de Janeiro, concomitante a isso a formação em Artes Plásticas no próprio MAN do Rio de Janeiro. Ivan Cerpa, Roberto Magalhães foram os artistas de frente das artes plásticas brasileira. Quando vim para Caravelas fui tomado por uma paixão intensa por Caravelas, o contexto de Caravelas cultural da época, me declarei aí e me envolvi com esse universo é... Eu vejo como um realismo fantástico, que me remonta ao *Macongo* de García Marquez. Caravelas para mim é esse universo.

Quando eu me deparei com uma das manifestações do UMBANDAUM pela primeira vez me reportou intensamente aos domingos de criação do Movimento Moderno do Rio de Janeiro - um movimento criado por um crítico de arte, Frederico de Moraes, e que nesses domingos você tinha manifestações criativas,

manifestações culturais e foi um momento que a resistência, intensa a ditadura militar de 72, 73 e 74 que aconteceram essas manifestações intensa no MAN, com a presença de alguns artistas de ponto no cenário nacional, é...

Quando eu me deparei com o UMBANDAUM foi quase como uma viagem a aquela década. E, e ao mesmo tempo eu me deparei com um cenário de manifestação cultural, percebendo claramente que me investia muito com o “Estaip pen Trive”, a tal sociedade conservadora, e coisa e tal nesse cenário.

**VANESSA ROZISCA** - sou turismóloga, paranaense, e tenho uma ligação com Caravelas há 20 anos. Eu vim conhecer Caravelas há 20, eu era muito jovem, tinha 18 anos de idade, logo me identifiquei com lugar. É um lugar que muitas pessoas se identificam. Todo mundo gosta!

Sou paranaense e a minha cidade é Guarapuava. Eu sou de uma família comum de cidade pequena - Guarapuava eu posso afirmar que é uma cidade como característica homofóbica, racista, elitista, e eu sou de lá, portanto avalio com coerência essa questão.

E chegando em Caravelas com meu esposo, eu sinceramente não tinha na minha cabeça essa questão de racismo mesmo, eu apesar de ser de uma região de uma população muito branca e com essas características como coloquei, mas eu acho que por eu ser jovem não tinha essa perspectiva, essa noção na minha cabeça do que era isso... ou talvez porque não convivesse com pessoas de outras etnias. Porém em Caravelas encontro com grupo Cultural Arte Manha, no qual desenvolvi amizade com os integrantes do grupo e principalmente com Itamar, nosso mestre da sabedoria populares daqui das Caravelas, e são mais de 20 anos de contato.

O UMBANDAUM é uma referência para mim, foi uma das coisas que fez com que eu também sempre tivesse a vontade de retornar para Caravelas, quando me ausentei. Quando retorno a Caravelas eu me sinto totalmente acolhida da mesma forma com o mesmo carinho, e hoje eu com entendimento muito mais aguçado, tenho o significado do que seja esse grupo, a que ele pertence, o que que faz parte e o porquê que ele existe. Então, hoje eu tenho esse entendimento bem mais claro, e estamos juntos tentando trabalhar, tentando fazer com que aconteça esse objetivo, juntamente com esse grupo.

**HELÂNIA THOMAZINE PORTO** - Sou professora da Universidade Estadual da Bahia, pesquisadora acerca das culturas indígenas, e militante feminista. Gosta muito de escrever, escrevo um pouco sobre tudo, com mais empenho sobre as linguagens e as culturas. Sou amiga do UMBANDAUM de Caravelas, uma amizade que tem oito anos, oito anos de convivência e de interação. Eu conheci o UMBANDAUM sem o UMBANDAUM me conhecesse, porque vim em uma atividade no dia sete de setembro em Caravelas, e neste evento vi dançarinos do UMBANDAUM apresentando elementos da cultura indígena. Fiquei curiosa para saber se no movimento e em Caravelas ainda viviam indígenas.

Alguém me respondeu que era o Grupo UMBANDAUM, o articulador desses movimentos... Mais tarde, em um Seminário de Cultura organizado pela Secretaria de Cultura de Caravelas vim participar, onde conheci Itamar dos Anjos, e a partir daquele conhecimento que apesar de rápido, houve um convite que eu retornasse a Caravelas para conhecer as atividades desenvolvidas pelo grupo, principalmente no carnaval. Desde então, estabeleci com o UMBANDAUM articulações com trocas de conhecimentos, com a participação de alunos da UNEB, que participaram de oficinas junto ao UMBANDAUM.

**JÉSSICA SILVA PEREIRA** - eu conheci uma das membras do Umbandaum, que foi Carla Galdino na UNEB, a gente estava fazendo um trabalho de apresentação na Universidade devido às questões raciais não serem pautadas no nosso cotidiano e a gente iniciou um grupo de discussões, que se repetiu em outros andamentos dos projetos e nos projetos de ensaios fotográficos. Carla era caloura da Uneb e a gente estava fazendo a recepção dela. Nesse contato a gente a convidou para poder fazer parte de um dos ensaios que a gente organizou e a partir desse ensaio iniciou-se contatos posteriormente, e um dos líderes do Umbandaum foi aplicar uma oficina na Universidade. A gente teve esse contato e dentro desse contato nesta oficina a questão da arte, da poesia, do trabalho do movimento com o corpo, do trabalho com as diversas expressões faciais pensando a ancestralidade, é que eu conheci Itamar dos Anjos, e a gente foi conhecendo um de cada vez. Nesse primeiro contato eu conheci Itamar, o pessoal da percussão e Carla Galdino!

Depois a gente foi fazer um trabalho junto com o grupo aqui em Caravelas, e aí a gente desenvolveu na oficina, nessa oficina a gente trabalhava com a questão racial e trabalhava questão do racismo no Brasil pensando ele desde o início da escravidão, até chegar aos dias atuais e falava também a respeito da estética negra, da Beleza Negra e a gente fez uma oficina em seguida - uma oficina de amarração de turbante que aqui a galera fala que é torço. Então, a partir desse contato iniciamos algumas atividades de juntar o grupo e estamos aí, já tem 3 anos na correria! Bom, o UMBANDAUM está na caminhada há muito tempo, eu acho que você ver que é uma das Artes de verdade do mundo de receber e de acolher que vem de fora, e em momento algum você se sente de outra cidade ou de outro grupo, parece que você é uma peça integrante do movimento a partir do momento que você faz o contato, a receptividade de todos é muito forte, e isso fez com que eu permanecesse até os dias de hoje. Toda vez que me chamam estou pronta para passar junto com o grupo, no sentido de que existe a acolhida para me sentir em casa e de certa forma, eu também me encontrei com os meus, por estar vindo de um lugar onde a cultura Negra e a Sensualidade Negra não é tão veiculada como é em Caravelas. Teixeira de Freitas é uma cidade mais fria para essas questões, a gente encontra isso, encontra nas periferias movimentos

isolados, não é algo tão latente, como é dentro do UMBNADAUM.

Fonte: Narrativas coletadas pelo pesquisador em 2018.